

O Percurso de Um Estudante Estagiário Rumo à Inclusão Profissional e dos Alunos em Educação Física

Relatório de Estágio Profissional

Relatório de Estágio Profissional apresentado com vista à obtenção do 2º Ciclo de Estudos conducente ao Grau de Mestre em Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, ao abrigo do Decreto-Lei nº 74/2006, de 24 de março, na redação dada pelo Decreto-Lei nº 65/2018 de 16 de agosto e do Decreto-Lei nº 79/2014, de 14 de maio.

Orientadora: Professora Doutora Paula Maria Fazendeiro Batista

Emanuel José Cardoso Botelho

Porto, outubro 2023

Estudo de investigação elaborado no âmbito do projeto financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) “*Empowering pre-service teachers as practitioner researchers toward PE inclusive practices*”, com a referência 2022.09013.PTDC.



Ficha de Catalogação

Botelho, E. (2023). O percurso de um Estudante Estagiário Rumo à Inclusão Profissional e dos Alunos em Educação Física. Relatório de Estágio Profissional. Porto: Botelho, E. Relatório de estágio profissionalizante para a obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Palavras-Chave: ESTÁGIO PROFISSIONALIZANTE; EDUCAÇÃO FÍSICA; FUTEBOL; METODOLOGIA OBSERVACIONAL.

Agradecimentos

À FADEUP, e a todos os professores com quem que tive a sorte de me cruzar, pela forma como me acolheram e me ajudaram a crescer.

À Professora Orientadora, pela sua disponibilidade e orientação durante este desafio.

Ao Professor coorientador, pela disponibilidade e por toda a ajuda prestada.

À escola cooperante, desde os funcionários aos professores do grupo de Educação Física, pela forma como me integraram e aceitaram na escola.

À professora cooperante, por todo o apoio, disponibilidade e por todos os conselhos que me transmitiu.

Aos meus colegas de núcleo de estágio, por toda a partilha de conhecimento e amizade durante esta caminhada.

Aos meus Pais, por todo o apoio e compreensão, ao longo do meu percurso académico e por serem os meus pilares.

A Deus, por me ajudar a superar mais um desafio.

Índice Geral

AGRADECIMENTOS	III
ÍNDICE DE QUADROS	VII
ÍNDICE DE GRÁFICOS	IX
ÍNDICE DE FIGURAS	XI
ÍNDICE DE ANEXOS	XIII
RESUMO	XV
ABSTRACT	XVII
LISTA DE ABREVIATURAS	XIX
1. INTRODUÇÃO	1
2. EXPECTATIVAS INICIAIS	3
3. ENTENDIMENTOS E CONCEÇÕES:	5
3.1. Acerca da Educação Física.....	5
3.2. Identidade do Professor de Educação Física	6
4. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO DE ESTÁGIO	9
4.1. A Escola Cooperante.....	9
4.2. A Turma Atribuída	11
4.3. A Turma Partilhada do 6º Ano de Escolaridade	15
4.4. A Turma Partilhada do 11º Ano de Escolaridade	16
5. ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM	17
5.1. Decisão Macro: Planeamento Anual	18
5.2. Decisão Meso: Unidades Didáticas.....	23

5.3. Decisão Micro: Plano de Aula	24
5.4. Realização do Ensino.....	25
5.5. Entre Modelos e Estratégias de Ensino	27
5.6. Avaliação: das Decisões às Práticas.....	29
6. PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA E RELAÇÃO COM A COMUNIDADE.....	33
7. PARTICIPAÇÃO E ENVOLVIMENTO DE ALUNOS DE NÍVEIS DE DESEMPENHO DISTINTOS NOS COMPORTAMENTOS OFENSIVOS NO JOGO DE FUTEBOL: ESTUDO COM ALUNOS DO ENSINO SECUNDÁRIO³⁷	
7.1. Resumo.....	37
7.2. Abstract	38
7.3. Introdução	39
7.4. Objetivos	40
7.5. Metodologia.....	40
7.5.1. Contexto e Participantes	40
7.5.2. Procedimentos de Recolha e Análise dos Dados	41
7.6. Resultados e Discussão.....	42
7.6.1. Mobilidade no Campo	42
7.6.2. Comportamentos Ofensivos do Início da Fase Ofensiva	44
7.6.3. Desenvolvimento da Posse da Bola.....	45
7.6.4. Comportamentos Ofensivos da Fase Final Ofensiva	46
7.7. Conclusão	47
7.8. Limitações	48
7.9. Referências Bibliográficas.....	48
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	52
ANEXOS	XX

Índice de Quadros

Quadro 1 Planeamento Anual para o 8.º ano de escolaridade – Educação Física.....	20
Quadro 2 Resultados dos Teste de Aptidão Física.....	32
Quadro 3 Critérios e Respetivas Categorias do Instrumento de Observação...41	

Índice de Gráficos

Gráfico 1 Caracterização por Idades da Turma Residente.....	12
Gráfico 2 Disciplinas Preferidas.....	13
Gráfico 3 Início da Fase Ofensiva.....	45
Gráfico 4 Desenvolvimento da Posse de Bola.....	46
Gráfico 5 Final da Fase Ofensiva.....	47

Índice de Figuras

Figura 1 Excerto do Questionário Aplicado.....	13
Figura 2 “ <i>Checklist</i> ”.....	31
Figura 3 Frequência das Zonas do Terreno de Jogo Ocupadas - Alunos de Nível de Desempenho Inferior.....	43
Figura 4 Frequência das Zonas do Terreno de Jogo Ocupadas - Alunos de Nível de Desempenho Superior.....	44

Índice de Anexos

Anexo 1 Estrutura do Plano de Aula.....	xx
Anexo 2 Ficha de Trabalho – Valores Olímpicos.....	xxi
Anexo 3 Cartaz Desporto Escolar.....	xxii

Resumo

O presente relatório foi realizado no âmbito da Unidade Curricular do Estágio Profissional, parte integrante do plano do 2.º ciclo de estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Este documento pretende relatar e refletir sobre as vivências e desafios, ao longo do percurso de um estudante estagiário (o autor), numa escola do Grande Porto, inserido num Núcleo de Estágio composto por três estudantes estagiários e dois orientadores (Professora Cooperante e Professora Orientadora). Foi um ano difícil, mas fundamental para o meu desenvolvimento enquanto futuro professor. No presente relatório são explanadas as decisões, dificuldades e conquistas ao nível da organização e gestão do ensino e da aprendizagem. Este incorpora ainda as questões relativas à participação na escola e à relação com a comunidade escolar. Por último, segue-se o capítulo referente ao projeto de investigação, onde foi realizada uma análise de comportamentos ofensivos numa turma de 11.º ano durante uma unidade didática de futebol. Neste estudo, verificou-se que os alunos de nível de desempenho superior apresentam uma participação mais ativa no jogo e, conseqüentemente, maior número de comportamentos ofensivos, bem como uma maior probabilidade de sucesso. Já os alunos de nível de desempenho inferior apresentam menor mobilidade e a maioria dos comportamentos ofensivos registados são na metade defensiva do campo.

Palavras-chave: ESTÁGIO PROFISSIONALIZANTE; EDUCAÇÃO FÍSICA; FUTEBOL; METODOLOGIA OBSERVACIONAL.

Abstract

This report was carried out within the scope of the Professional Internship Curricular Unit, which is part of the 2nd cycle of studies plan leading to the degree of Master in Teaching Physical Education in Basic and Secondary Education at the Faculty of Sports of the University of Porto. This document aims to report and reflect on the experiences and challenges, throughout the journey of a trainee-teacher (the author). The internship took place in a school in the metropolitan area of Porto, within a group composed by two other pre-service teachers and two supervisors (Cooperating Teacher and Supervisor Teacher). It was a difficult year, but fundamental for my development as a future teacher. This report explains the decisions, difficulties, and achievements in terms of the organization and management of teaching and learning. This also includes issues relating to participation in school and the relationship with the school community. Finally, there is the chapter on the research project, where a sequential analysis of offensive behaviors was carried out in an 11th grade class during a football teaching unit. In this study, it was found that that students with a higher level of performance show more active participation in the game and, consequently, a greater number of attacking behaviours, as well as a greater likelihood of success. On the other hand, lower-performing students are less mobile and most of the attacking behaviours recorded are in the defensive half of the pitch.

Keywords: PROFESSIONAL INTERNSHIP; PHYSICAL EDUCATION; SOCCER; OBSERVATIONAL METHODOLOGY.

Lista de Abreviaturas

AE- Aprendizagens Essenciais

EE- Estudante estagiário

EF- Educação Física

EFQ- Educação Física de Qualidade

EP- Estágio Profissional

MAPJ- Modelo de Abordagem Progressiva ao Jogo

MED- Modelo de Educação Desportiva

MID- Modelo de Instrução Direta

NE- Núcleo de Estágio

PA- Planeamento Anual

PdA- Plano de Aula

PC- Professora cooperante

PO- Professora Orientadora

UD- Unidade Didática

1. Introdução

O presente documento, designado de Relatório de Estágio Profissional (EP), inserido no segundo ano do Mestrado de Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário conducente à obtenção do grau de mestre em Ensino de Educação Física, tem como objetivo relatar o percurso desta etapa. Durante o ano letivo, o estudante estagiário (EE) usufrui da oportunidade de se inserir numa comunidade escolar, onde vivencia a realidade e quotidiano de um docente. De acordo com Batista e Queirós (2013), o estágio é uma das etapas mais importantes no processo de aprender a ser professor, pois permite ao EE transferir os conhecimentos e habilidades adquiridas anteriormente para a prática diária na escola. Neste espaço real de ensino, surge a necessidade de utilizar o conhecimento aprendido durante o primeiro ano de mestrado para responder às exigências e adversidades que a escola reclama. Segundo Ribeiro et al. (2015), o estágio consiste num processo de apropriação da identidade docente e da aquisição da competência profissional. Assim, o estágio profissional revelou-se essencial para o EE na construção da sua identidade, enquanto futuro docente, e na aquisição de competências profissionais. Neste relatório, serão então relatadas as vivências de um EE (o autor), os dilemas e as decisões no mundo educacional.

Segundo Almeida e Moreira (2012, p. 97), o EP “não pode ser concebido como um momento de mera execução, mas como um sistema de ação concreta em que os académicos organizam suas intervenções com o auxílio dos professores da universidade e das instituições de ensino em que realizam o estágio”. Nesta aventura, tive o acompanhamento da professora cooperante (PC), de dois estudantes estagiários (EE) e da professora orientadora (PO). Ao longo do ano, foram vários os momentos de reflexão sobre as decisões tomadas e as estratégias mais adequadas a adotar para o sucesso da minha atuação, enquanto docente, e da aprendizagem dos alunos. Importa salientar o papel da PO e da PC neste processo, servindo de bússola ao longo desta caminhada e na transmissão de conhecimentos que me permitiram enfrentar este desafio.

A estrutura do relatório está dividida em capítulos e subcapítulos, que são os seguintes:

Capítulo 2 – São abordadas as minhas expectativas acerca do estágio profissional, bem como um breve resumo sobre o meu passado e o motivo da minha opção pela carreira de docente.

Capítulo 3 – Reporta-se aos entendimentos e conceções da disciplina de Educação Física (EF).

Capítulo 4 – Trata as questões relativas ao enquadramento da escola cooperante e das condições de prática para a EF.

Capítulo 5 – Materializa o organização e gestão do processo de ensino-aprendizagem.

Capítulo 6 – Foca as questões relativas ao meu envolvimento na comunidade escolar.

Capítulo 7– Materializa o estudo de investigação focado no ensino do futebol, mais especificamente na de comportamentos ofensivos, de 10 alunos de uma turma do 11.º ano de escolaridade.

Capítulo 8 – É apresentada a conclusão do relatório de estágio profissional (EP).

2. Expectativas Iniciais

O meu nome é Emanuel José Cardoso Botelho, nasci a 3 de agosto de 1999, sou natural de Resende, uma pequena vila situada no concelho de Viseu e, desde muito novo, que senti paixão pelo desporto e pela prática de atividade física. O meu percurso desportivo iniciou-se no futebol, a minha grande paixão, ao nível federado com apenas seis anos de idade e manteve-se até aos meus 17 anos. Após uma rotura de ligamentos e a decisão de iniciar a vida académica, optei por terminar a minha participação no desporto federado. Na minha infância, fui conciliando o futebol com a prática de várias modalidades, nomeadamente o voleibol, por intermédio do qual tive a oportunidade de participar em alguns torneios, assim como no gira-vólei, o remo e na canoagem.

Após a conclusão do 12.º ano e considerando o meu passado ligado ao desporto, optei por uma licenciatura em ciências do desporto com Minor em gestão desportiva no Instituto Politécnico de Bragança. Com a realização do estágio de iniciação à prática profissional, no qual me foi possível lecionar aulas aos mais novos, senti, pela primeira vez, o gosto de trabalhar com crianças e jovens. Foi com esta experiência que decidi que o meu futuro profissional seria esta via e, por isso, escolhi o mestrado em ensino.

Em relação ao início do EP, sentia-me bastante nervoso por causa da minha personalidade tímida e por não saber qual o ano de ensino por que ficaria responsável. Algo que também me suscitava inquietação, era saber qual seria a minha relação com os companheiros de viagem; o que levantou algumas questões: Será que os alunos vão aceitar a minha presença? E os restantes elementos da comunidade escolar, professores e funcionários? Como será a minha relação com a professora cooperante? Como será a minha relação com os colegas estagiários?

Os objetivos pessoais definidos para este EP foram: conseguir impor a minha presença na aula, através de uma atuação confiante e demonstrar capacidade de liderança na condução da aula. Em relação ao relacionamento com os alunos, o objetivo era construir, nas aulas, um clima de afetividade positivo que promovesse a construção da aprendizagem, assim como incutir a noção de

compromisso para com os objetivos definidos promovendo o trabalho em equipa e a inclusão.

3. Entendimentos e concepções:

3.1. Acerca da Educação Física

Ao longo dos tempos, a EF tem sofrido um constante processo de transformação da sua legitimação no currículo escolar, acompanhado por uma frequente desvalorização acerca da sua importância, pois é uma disciplina diferente das outras. Infelizmente, de uma forma geral, o estatuto que lhe é reconhecido não chega para a língua materna, a matemática, ou a maior parte das outras áreas de matérias do currículo, no que diz respeito à atenção, à expectativa e à exigência de resultados de aprendizagem (Graça, 2014). No entanto, é pertinente realçar a sua importância no currículo escolar, pois o seu objeto de trabalho é o corpo, a relação do corpo consigo próprio, com os objetos e com os outros. Desta forma, promove a aceitação e o conhecimento do próprio corpo, bem como a sua importância educativa ao nível do jogo e do movimento. De acordo com Crum (1993), os principais objetivos da EF incorporam três grandes áreas: habilidades motoras; questões sociomotoras, como o desenvolvimento de um vínculo afetivo com o jogo, o desporto e o exercício, tendo em vista a promoção do enriquecimento da vida escolar através do jogo lúdico; a capacidade de reflexão sobre os problemas relacionados com o contexto desportivo.

A EF deve ser entendida como parte relevante no processo educativo, uma vez que está ligada à formação do indivíduo na sociedade, tendo como objetivo não somente o desporto em si, mas também no desenvolvimento humano, motor, crítico, desafiador, social e cultural (Bego & dos Anjos, 2020). Ou seja, a EF desempenha um papel no desenvolvimento pessoal do indivíduo, através da transmissão de valores como a superação, a vontade de ganhar, o respeito pelos outros e a capacidade de estabelecer relações com os outros.

A EF também assume uma grande importância ao nível da promoção de saúde e de estilos de vida saudáveis. O seu propósito também é “ensinar sobre os conceitos básicos da relação atividade física/ aptidão física/ saúde levando os

alunos a se tornarem bem informados e independentes nesses assuntos e propensos a escolherem estilos de vida mais ativos” (Nahas et al., 1995).

Uma educação física de qualidade (EFQ) diz respeito à aprendizagem liderada por pares e o desenvolvimento de habilidades completas que podem melhorar os resultados educacionais e de empregabilidade (UNESCO.) Quer isto dizer que uma EFQ deve ser uma atividade sistemática, carregada de intencionalidade educativa e concebida de forma integrada, promovendo valores como a inclusão e o respeito pelos outros. O seu principal objetivo é proporcionar prazer aos praticantes, promovendo, deste modo, o desenvolvimento integral do indivíduo, através do domínio motor, cognitivo e sócio afetivo. Para a concretização do principal objetivo

O professor despenha uma função de guia e facilitador, colocando o aluno no centro do processo de ensino-aprendizagem, em vez de ser um mero transmissor de conteúdos. As crianças não devem ser vistas como repositórios a serem preenchidos, ou como ouvintes dóceis e seguidores dos objetos de ensino. Em vez disso, as crianças devem ser libertadas dos resultados do desenvolvimento ou socialização em termos de um produto acabado da idade adulta (Quennerstedt, 2019).

3.2. Identidade do Professor de Educação Física

Aprender a ser professor é um processo bastante complexo e exigente, pelo que é necessária uma abordagem reflexiva sobre as decisões tomadas. Cardoso et al. (2016, p. 525) referem que “tornar-se professor é uma viagem pessoal profunda, na qual o estagiário considera as suas crenças e tenta reconciliá-las com as expectativas da universidade, da comunidade educativa, dos alunos e seus familiares e, em última análise, consigo próprio.”

De acordo Gomes et al. (2013), a construção da identidade profissional depende de quatro dimensões distintas, mas em interação: a identidade natural (reporta-se à origem do indivíduo no sentido dos atributos herdados); a identidade institucional (posição ocupada pelo indivíduo numa determinada estrutura organizacional, à qual estão inerentes direitos e responsabilidades); a identidade

discursiva (compreende as características pessoais que marcam a individualidade da pessoa na relação com os outros); e a identidade de filiação (materializa-se no acesso a um conjunto de práticas distintas, que são do interesse comum de um determinado grupo de afinidade, as quais permitem a integração das pessoas pela participação e partilha dessas práticas específicas).

A comunidade escolar em que o professor se insere tem um grande impacto na identidade profissional. O processo de construção da identidade profissional surge em interação com outros e, no caso dos professores, não só com os pares, mas também com os alunos, pais, escola e normas que a escola impõe aos professores (Gomes et al., 2019). Portanto, importa realçar o facto de não existirem concepções certas nem erradas. A carreira de docente pode ser caracterizada por sucessivos momentos, os quais se articulam na elaboração de um constructo de conhecimentos, crenças, perspetivas e experiências originadas na atuação profissional propriamente dita (Farias et al., 2018). Deste modo, a reconfiguração de de concepções do docente no decorrer da sua prática profissional tem espaço, bem como a necessidade de se adaptar as exigências do contexto em que se insere.

4. Caracterização do Contexto de Estágio

4.1. A Escola Cooperante

A escola cooperante que me acolheu para a realização do EP situa-se no centro do Porto e encontra-se envolvida numa área urbana composta por ruas bastante conhecidas e movimentadas, o que facilita o acesso a diversos meios de transportes públicos, como o metro e os autocarros.

No que concerne aos acordos certificados e protocolos, a escola possui uma parceria com o clube de judo do porto, que se disponibilizou para a realização de dois treinos por semana, com alunos de várias idades. Existe, ainda, uma parceria com algumas faculdades da Universidade do Porto, nomeadamente a Faculdade de Desporto, para receber e formar estudantes estagiários.

Criado a 4 de julho de 2012 por despacho governamental este agrupamento abarca cinco escolas, duas escolas de ensino pré-escolar e 1.º ciclo, uma escola de 1.º ciclo, uma escola de 2.º e 3.º ciclo e, por fim, uma escola de 3º ciclo e ensino secundário regular e profissional oferecendo, deste modo todos os ciclos de ensino desde o pré-escolar ao 12.º ano. O projeto educativo do agrupamento, em vigor desde 2022, considera como principal missão consolidar-se como uma entidade que promove a educação para a cidadania e qualificação, inspirando-se em valores humanistas, tendo por base um conceito de escola sustentável, intercultural e Sustentável. “Assenta este Projeto na consideração do aluno como uma entidade multidimensional, capaz de ser dotado de competências, saberes e valores, que o conduzam, eficazmente, a uma vida de cidadania ativa, informada e responsável” (PE, 2022, p. 5).

Atualmente, a escola é frequentada por cerca de 1200 alunos, em regime diurno, distribuídos pelo Ensino Básico e Secundário. Devido ao elevado número de alunos, torna-se difícil classificar a sua tipologia. De facto, era visível uma diversidade de culturas, bastava circular um intervalo pela escola para encontrar alunos de várias nacionalidades e diferentes estratos socioeconómicos. Apesar da diversidade cultural, o ambiente vivido na escola era sereno e benéfico para o processo de ensino-aprendizagem. O bom ambiente era visível na relação dos

professores uns com os outros, como pude comprovar através da presença nas reuniões do conselho de turma e do grupo de EF.

No que concerne às condições de prática para a EF, a escola dispõe de um pavilhão multidesportivo, uma sala de dança, uma sala de judo, um polidesportivo e um espaço exterior.

O ginásio da escola encontra-se equipado com materiais em bom estado para a prática das várias modalidades desportivas, nomeadamente os vários tipos de ginástica, mas apresenta uma dimensão muito pequena em face da quantidade de alunos nas turmas.

O espaço exterior, a maior instalação desportiva, encontra-se completamente ao ar livre, sendo, por isso, impossível a sua utilização nos dias de chuva, obrigando ao professor, que ocupa este espaço, a ter sempre uma alternativa planeada. É composto por dois campos de basquetebol e duas pistas de atletismo de 50m.

Relativamente à sala de dança, muitas vezes utilizada como “abrigo” da chuva, por parte dos professores que se encontram no espaço de rotação exterior, é composta por uma parede coberta com espelhos e uma barra de ballet. No entanto, devido à sua dimensão muito pequena, torna-se muito complicado lecionar qualquer tipo de modalidade.

A sala de judo é uma sala de aula revestida por tatamis no chão, apresentando dimensões exíguas que dificultam a lecionação das aulas, tendo em conta a quantidade de alunos e o risco acrescido nas questões de segurança por se tratar de uma modalidade de contacto. Esta, assim como a sala de dança, é frequentemente usada pelos professores que se encontram no espaço exterior como “abrigo” quando as condições atmosféricas são adversas.

Por fim, encontra-se o polidesportivo com as dimensões de um campo de futsal, equipado com duas balizas, a possibilidade de colocar postes para a prática de voleibol e, mais recentemente, quatro tabelas de basquetebol. Assim, esta instalação revela-se ideal para a prática de várias modalidades desportivas. No entanto, apesar de ser um espaço coberto, quando chove intensamente torna-se muito complicado lecionar uma aula, pois não tem cobertura lateral e a cobertura superior não consegue impedir que a água passe para o campo.

A ocupação destes espaços desportivos é definida por um roulement de espaços desportivos, que tem como objetivo garantir que todas as turmas têm o mesmo tempo de aulas por espaço. Por isso, o planeamento das unidades didáticas e dos conteúdos a lecionar deve ser realizado tendo em consideração o espaço que corresponde à turma.

Em suma, os espaços disponíveis apresentam pouca versatilidade ao nível dos materiais, bem como de instalações. A possibilidade de ter de trocar de espaço durante uma aula quebra por completo a dinâmica da aula, assim como o nível de motivação dos alunos e do professor. No entanto, não podemos observar apenas o lado negativo, pois esta situação promove, no professor, a capacidade de se adaptar em contextos desfavoráveis e a capacidade de criatividade.

“Quando cheguei ao polidesportivo para lecionar a aula da modalidade de voleibol, este encontrava-se completamente encharcado e com poças de água nas laterais do campo. Após conversar com a PC, decidimos que a aula se iria realizar no local planeado. Esta situação condicionou muito a aprendizagem dos alunos, pois o espaço disponível era muito reduzido e foi necessário adaptar os exercícios planeados. Apesar de já não chover estava muito frio, o que diminuiu os níveis de motivação tanto dos alunos como do professor, ao ponto de um aluno me questionar se achava sensato dar aulas naquelas condições.”

Reflexão das Aulas nº 19 e 20

4.2. A Turma Atribuída

Algo que me inquietava, antes do início do ano letivo, era saber qual o ano de escolaridade que estaria ao meu encargo. Para a realização do EP, após a colocação no agrupamento de escolas de Aurélia de Sousa, foi-me atribuída uma turma do 8.º ano de escolaridade.

A turma foi sofrendo algumas alterações no decorrer do ano letivo ao nível dos alunos. Inicialmente, era composta por 25 alunos, mas um rapaz acabou por se transferir no início do ano letivo e, a meio do 2.º período, foi adicionado mais um rapaz de nacionalidade equatoriana, perfazendo um total de 24 alunos, 10

raparigas e 14 rapazes, com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos (gráfico 1), sendo que dois alunos eram repetentes (Gráfico 1).

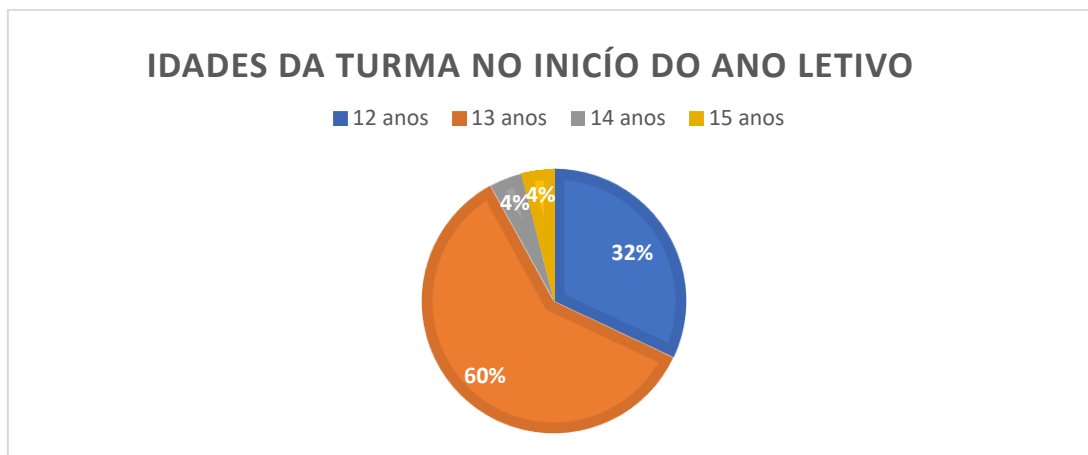


Gráfico 1 Caracterização por Idades da Turma Residente

Esta turma tinha, como particularidade, uma aluna com pequeno espectro de autismo. Apesar disso, não foi necessário adotar qualquer medida excecional devido à capacidade de participação e envolvimento da aluna nas tarefas da aula.

No início do ano foi elaborado um questionário, em conjunto com o núcleo de estágio (NE), com o objetivo de perceber quais as principais memórias desportivas dos alunos, bem como a regularidade com que praticavam exercício físico (Figura 1).

Figura 1 – Excerto do Questionário

Dos desportos / atividades que vamos abordar este ano, em quais te sentes MAIS competente/capaz

- Voleibol
- Badminton
- Ginástica Rítmica
- Ginástica de solo
- Dança
- Luta/Judo
- Aptidão física

Dos desportos / atividades que vamos abordar este ano, em quais te sentes MENOS competente/capaz

- Voleibol
- Badminton
- Ginástica Rítmica
- Ginástica de solo
- Dança
- Luta/Judo
- Aptidão física

Como descreves a interação que estabelece com os colegas de turma na aula de educação física?

Texto de resposta longa

Através da análise das respostas ao questionário, foi possível concluir que a maioria dos alunos se encontrava motivada para a prática de EF, pois afirmaram que o seu passatempo preferido estava relacionado com a prática de alguma atividade física, nomeadamente correr ou jogar futebol. Também se verificaram níveis elevados de motivação para a disciplina de EF, uma vez que nove alunos afirmaram que a sua disciplina favorita era a EF (Gráfico 2).

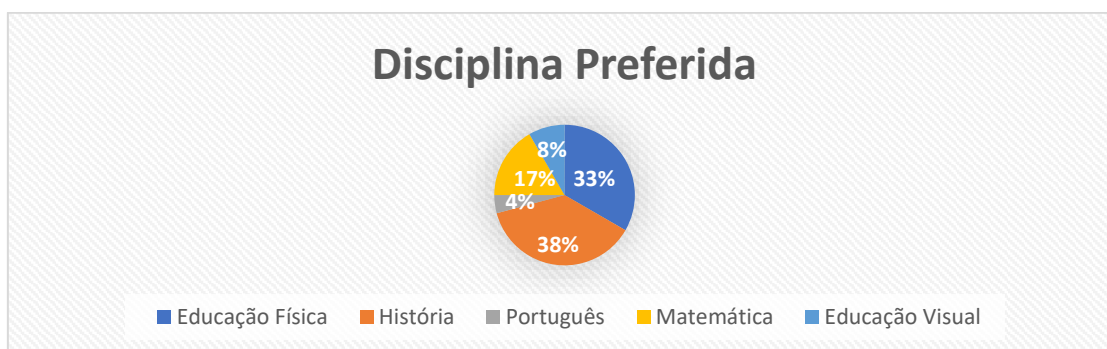


Gráfico 2 Disciplinas Preferidas

Através da aplicação da bateria de testes FITescola, consegui perceber que, em geral, os alunos da turma apresentavam um bom nível de aptidão física, pois a maioria dos alunos encontrava-se entre o perfil saudável e atlético. A força

superior, a agilidade e a flexibilidade dos membros superiores foram identificadas como as principais dificuldades da turma. Com efeito, havia muitos alunos enquadrados no perfil não saudável. Esta análise revelou-se bastante pertinente, pois permitiu-me aferir quais as principais dificuldades dos alunos da turma e, a partir dessas dificuldades, definir objetivos concretos em relação à aptidão física.

Ao longo do ano pude observar que se tratava de uma turma com diversos alunos irreverentes e ativos, que facilmente perdiam o foco nas tarefas. Estas características prejudicaram, muitas vezes, o funcionamento da aula ao nível da instrução e da realização dos exercícios. Durante o ano, a dinâmica da turma revelou graves problemas em relação à inclusão e à relação dos alunos uns com os outros. Efetivamente, era comum haver conflitos entre eles, assim como alguns comentários depreciativos para com os colegas com mais dificuldades. Para combater este problema, os grupos de trabalho foram-se alternando entre grupos homogéneos e grupos heterogéneos em relação ao nível de desempenho, género e atitudes.

“Após terminar a primeira aula, consegui perceber que esta turma é composta por miúdos muito agitados, mas com um bom nível de desempenho motor. No entanto, perdem o foco da tarefa rapidamente e cansam-se muito rápido das tarefas que estão a realizar. Acredito que durante o ano vai ser um desafio gerir os comportamentos da aula e manter os índices de motivação elevados.”

Reflexão da Aula n.º 1

Esta turma mostrou-se deveras complicada para lecionar, algo visível ao longo do ano nas várias reclamações dos professores de outras disciplinas, sobre o comportamento da turma. O desagrado era constatado pelo elevado número de participações disciplinares, ao ponto de um professor afirmar, em conselho de turma, que no próximo ano se recusaria a lecionar aulas naquela turma.

4.3. A Turma Partilhada do 6º Ano de Escolaridade

Enquanto NE, tivemos a oportunidade de lecionar mais duas turmas em contextos diferentes.

A primeira aventura realizou-se na Escola Básica Augusto Gil numa turma de 6.º ano de escolaridade. Após a primeira visita à escola, verificamos que as instalações disponíveis se encontravam degradadas e com pouco material à disposição.

Depois de uma breve reunião com a professor titular da disciplina e com a PC, ficou definido que iríamos lecionar cinco aulas repartidas por duas modalidades, o futebol e a ginástica de aparelhos, porquanto o modelo de planeamento era a prática distribuída.

No que diz respeito ao planeamento utilizado, tivemos de consultar o que estava previamente definido para a turma pela professora titular da disciplina, de modo a conseguirmos adaptar a nossa atuação na aula.

Na modalidade de ginástica de aparelhos, optamos por um trabalho em circuito adaptado às combinações de habilidades exigidas para o ano de escolaridade:

- Salto de eixo no boque
- Salto entre mãos no plinto ou boque
- Salto em extensão no minitrampolim
- Cambalhota à frente no plinto longitudinal
- Subida para apoio ventral na barra fixa

No que concerne ao planeamento da modalidade de futebol, foi identificado o nível de jogo introdutório (nível básico), ficando definidos os seguintes conteúdos: Jogo 3X3, Penetração, Remate, Passe, Contenção e Posicionamento defensivo.

Na parte inicial optamos por exercícios lúdicos, de forma a ser um momento da aula mais divertido com o objetivo de preparar o corpo para a atividade física. Devido ao sedentarismo e à falta de prática de atividade física evidenciada nos jovens atualmente, acreditamos que era fundamental não descurar a área da aptidão física, apesar de lecionarmos apenas cinco aulas. Assim sendo,

utilizamos como estratégia os intervalos dinâmicos. Esta estratégia revelou-se benéfica, pois permitiu-nos criar uma aula com vários picos de intensidade e os alunos mostraram-se motivados para a realização da mesma.

Em suma, foi uma experiência importante para o meu desenvolvimento enquanto futuro docente, na medida em que me permitiu lecionar aulas num contexto diferente e com alunos mais novos. Os alunos demonstraram muita energia, no entanto conseguimos manter o controlo da turma sem qualquer dificuldade. O facto de sermos três EE a lecionar as aulas facilitou a gestão da turma e dos comportamentos desadequados. Em comparação com o trabalho desenvolvido no 3.º ciclo, a diferença evidenciada foi a motivação com que os alunos do 5.º ano de escolaridade realizavam as tarefas da aula, uma vez que estavam sempre motivados para a realização dos exercícios propostos. Apesar de terem sido lecionadas poucas aulas e de não ser possível criar uma ligação de afetividade forte com os alunos, esta foi uma experiência marcante pelo empenho e satisfação demonstrado pelos alunos.

4.4. A Turma Partilhada do 11º Ano de Escolaridade

A segunda aventura realizou-se numa turma de 11.º ano de escolaridade da escola Aurélia de Sousa.

A professora titular da disciplina era a PC, por isso tornou-se mais fácil o diálogo e o planeamento das aulas. Ficou definido que iríamos lecionar a modalidade de futebol com a duração de sete aulas, quatro aulas de 50 minutos e três de 100. Para a elaboração do planeamento foi necessário consultar as Aprendizagens Essenciais (AE) referentes a este ano de escolaridade e ficou definido que os conteúdos a abordar seriam os seguintes: Jogo 5x5, Penetração, Contenção, Cobertura Ofensiva, Organização 1:2:1 (losango), Passe Remate, Recepção e Controlo de bola.

Na primeira aula foi realizada a avaliação diagnóstica através da observação do jogo 5X5, com o objetivo de aferir o nível da turma. Foi utilizada, como instrumento de avaliação, uma grelha “*checklist*”, na qual foi anotada a realização ou não realização dos objetivos pré-definidos. A aglomeração em torno da bola

e a ocupação do espaço foram identificadas como as maiores dificuldades da turma.

O facto de já conhecermos as instalações e os materiais disponíveis facilitou a preparação e seleção dos exercícios para a aula. Na parte inicial, optamos por exercícios lúdicos com bola, de forma a promover a relação corpo-bola e preparar o corpo para a atividade física. Na parte final da aula, optamos por realizar sempre jogo 5vs5, com o objetivo de manter os níveis de motivação elevados e cumprir a tipologia das tarefas de aprendizagem relativas à aplicação.

No que diz respeito à aptidão física, utilizamos a mesma estratégia da primeira aventura, os intervalos dinâmicos, que nos permitiu criar vários picos de intensidade durante a aula.

No final da unidade didática, foi realizada em conjunto com a PC, uma avaliação sumativa através do jogo 5X5.

O balanço final desta experiência é bastante positivo, dado o empenho e participação dos alunos nas aulas. A turma revelou-se muito inclusiva com os alunos com mais dificuldades e na relação que mantinham uns com os outros, algo que me deixou muito surpreendido. Importa, ainda, salientar a cooperação e disponibilidade dos alunos para a realização do projeto de investigação-ação.

5. Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem

O planeamento educacional é um dos elementos didáticos fundamentais no processo de ensino-aprendizagem, pois norteia as etapas da prática pedagógica (Lopes et al., 2017) e tem de responder a um conjunto de questões: Ao como? Com quê? O quê? Para quê? Para quem? na forma de plano (Bossle, 2002).

O planeamento escolar pode ser entendido como uma pirâmide invertida, dividido em três níveis: o nível macro, o nível meso e o nível micro. No que diz respeito ao nível macro, no topo da pirâmide, situa-se o Ministério da Educação que tem como função regular o ensino de todas as escolas em Portugal. Posteriormente, em relação ao nível meso, meio da pirâmide, encontram-se os agrupamentos de escolas seguidos dos grupos de EF, que têm como função

ajustar o planejamento e as regras definidas pelo Ministério ao contexto em que se inserem. Por fim, encontramos o nível micro que corresponde à aula e às decisões do professor.

O planejamento do professor segue a mesma estrutura de pirâmide invertida. Assim, no topo da pirâmide situa-se o nível macro, o planejamento anual (PA), seguido do nível meso, as Unidades Didáticas (UD) e, no vértice da pirâmide, o nível micro, os Planos de Aula (PdA). Os elementos considerados nucleares são os seguintes: objetivos, diagnóstico de alunos, conteúdos, estratégias (incluindo os recursos, materiais e tempo) e a avaliação (Januário, 2017).

5.1. Decisão Macro: Planejamento Anual

Para a elaboração do planejamento anual (PA) foi necessário ter em conta as AE de EF do 8.º ano. Este foi realizado tendo como base as decisões verticais do agrupamento, que têm como objetivo garantir que, durante o percurso escolar, os alunos têm acesso às diversas matérias da EF.

As aulas eram distribuídas em dois blocos de aulas semanais, 50 minutos à terça-feira ao final da manhã e 100 minutos à quinta-feira ao início da tarde.

Uma vez que todos os elementos do NE iriam lecionar os mesmos anos de escolaridade, o planejamento foi realizado em grupo. Para a sua realização, tivemos em conta o roulement de espaços, o número de aulas previsto, o número de aulas previsto para cada modalidade e os materiais disponíveis em cada espaço de rotação.

O PA foi realizado através de um modelo de distribuição por blocos. Este é um modelo mais tradicional, que consiste em lecionar blocos de aulas sucessivos concentrando, em cada bloco, a abordagem de cada matéria; com exceção da modalidade de voleibol que foi distribuída por dois períodos.

Ficou definido que seriam abordadas seis matérias das atividades físicas, bem como as áreas da aptidão física e dos conhecimentos.

A área da aptidão física assume uma grande importância ao nível do bem-estar e da saúde. Segundo o Manila et al. (citados por Rodrigues, 2014), a aptidão

física define-se como a condição ou estado que permite, ao sujeito, executar as suas atividades do quotidiano sem que tal provoque fadiga excessiva. Deste modo, torna-se fundamental desenvolver as capacidades condicionais (velocidade, resistência, força, flexibilidade) e as capacidades coordenativas (equilíbrio, orientação espacial, diferenciação cinestésica).

No que diz respeito à área dos conhecimentos, seguindo sempre as normas e orientações das AE, ficou definido que os conteúdos a abordar seriam: os valores paralímpicos e a sua importância e os conceitos de aptidão física e saúde relacionados com um estilo de vida saudável.

A distribuição das matérias pode ser visualizada no Quadro 1.

Quadro 1 - Planejamento Anual do 8.º ano de Escolaridade

Período	Nº aulas previstas	Domínio/ Módulo/ Tema	Conteúdo	Aprendizagens Essenciais	Recursos Didáticos
1º Período	12	Área das Atividades Físicas Desportivas	Jogos Desportivos Coletivos	Voleibol: 1. Cooperar com os companheiros 2. Conhecer o objetivo do jogo, identificar e discriminar as principais ações que o caracterizam: "Serviço", "Passe", "Recepção" e "Finalização". 3. Regras essenciais do jogo: a) dois toques, b) transporte, c) violação da linha divisória, d) rotação ao serviço, e) número de toques consecutivos por equipa e f) toque na rede. 4. Em situação de exercício, em grupos de quatro, cooperar com os companheiros para manter a bola no ar 5. Em situação de exercício, com a rede aproximadamente a 2 metros de altura: 5.1 Serve por baixo, a uma distância de 3 a 4.5 metros da rede 5.2 Como receptor, parte atrás da linha de fundo para receber a bola, com as duas "mãos por cima" posicionando-se corretamente e oportunamente, de modo a imprimir à bola uma trajetória alta. 6. Jogo 2+2, num campo com dimensões reduzidas e rede a 2m de altura	Instalações e material desportivo; Fichas de realização de tarefas; Fichas de jogo;
	13		Ginástica	Ginástica Solo: 1. O aluno combina as habilidades em sequências, realizando: 1. Cambalhota à frente no colchão, terminando a pés juntos, 2. Cambalhota à frente num plano inclinado, com as pernas afastadas e em extensão. 3. Cambalhota à retaguarda, com saída a pés juntos ou saída com pernas afastadas e em extensão 4. Passagem por pino partindo da posição de deitado ventral, seguido de cambalhota à frente. 5. Subida para pino, apoiando as mãos no colchão e os pés num plano vertical, terminando em cambalhota à frente. 6. Roda 7. Posições de flexibilidade 8. Elementos de equilíbrio 9. Saltos e voltas	Instalações e material desportivo; Fichas de realização de tarefas; Fichas de jogo;
	7	Área da Aptidão Física	Aptidão aeróbia e neuromuscular	Aptidão Física: Aptidão aeróbia; força abdominal; força superior; flexibilidade; velocidade e força inferior. Executa com correção os exercícios propostos e é capaz de corrigir os colegas.	Plataforma FITescola; Fichas de realização de tarefas; Música e instalação sonora;
	4	Área dos Conhecimentos	Dimensão sociocultural dos desportos	Conhecimentos: Relaciona Aptidão Física e Saúde e identifica os fatores associados a um estilo de vida saudável, nomeadamente o desenvolvimento das capacidades motoras.	Computador; Plataforma Fitescola; Fichas de trabalho;

Período	Nº aulas previstas	Domínio/ Módulo/ Tema	Conteúdo	Aprendizagens Essenciais	Recursos Didáticos
2º Período	8	Área das Atividades Físicas Desportivas	Atletismo	Atletismo: 1. Cooperar com os companheiros, admitindo as indicações que lhe dirigem e cumprindo as regras que garantam as condições de segurança e a preparação, arrumação e preservação do material. 2. Efetua uma corrida de velocidade (40 metros), com partida de pé. 3. Lançamentos: estabilização da pega e ação do braço lançador / utilização dos membros inferiores / ação progressiva pernas – tronco – braço. 4. Lança de lado e sem balanço, o peso de 2/3 Kg, apoiado na parte superior dos metacarpos e nos dedos, junto ao pescoço, com flexão da perna do lado do peso e inclinação do tronco sobre essa perna.	Instalações e material desportivo; Fichas de realização de tarefas; Fichas de jogo;
	12		Jogos de Raquetes	Badminton: 1. Cooperar com os companheiros, nas diferentes situações, escolhendo as ações favoráveis ao êxito pessoal e do companheiro, 2. Conhece o objetivo do jogo, a sua regulamentação básica e a pontuação do jogo de singulares. 3. Cooperar com o companheiro (distanciados cerca de 6 m), batendo e devolvendo o volante, evitando que este toque no chão: 3.1 Mantém uma posição base com os joelhos ligeiramente fletidos e com a perna direita avançada, regressando à posição inicial após cada batimento, em condições favoráveis à execução de novo batimento. 3.3 Diferencia os tipos de pega da raqueta (de direita e de esquerda) e utiliza-os de acordo com a trajetória do volante. 3.4 Executando corretamente, os seguintes tipos de batimentos: <i>Clear</i> e <i>Lob</i> 4. Aplica os conhecimentos em situação de jogo 1x1	Instalações e material desportivo; Fichas de realização de tarefas; Fichas de jogo;
	6		Danças Tradicionais	Danças Tradicionais: 1. Cooperar com os companheiros, incentiva e apoia a sua participação na atividade, apresentando sugestões de aperfeiçoamento, e considerando, por seu lado, as propostas que lhe são dirigidas. Dança o Sariquité, Erva cidreira e Regadinho, respeitando as diferentes posturas e posições assumidas em cada dança e executando os passos em sincronia com a música.	Instalações e material desportivo; Fichas de realização de tarefas; Fichas de jogo;
	6	Área da Aptidão Física	Aptidão Aeróbia e neuromuscular	Aptidão Física: Aptidão aeróbia; força abdominal; força superior; flexibilidade; velocidade e força inferior. Executa com correção os exercícios propostos e é capaz de corrigir os colegas.	Plataforma FITescola; Fichas de realização de tarefas; Música e instalação sonora;

	4	Área dos Conhecimentos	Dimensão sociocultural dos desportos	Conhecimentos: Identifica e interpreta os valores olímpicos e paralímpicos, compreendendo a sua importância para a construção de uma sociedade moderna e inclusiva.	Computador; Plataforma Fitescola; Fichas de trabalho.
--	---	------------------------	--------------------------------------	---	---

Período	Nº aulas previstas	Domínio/ Módulo/ Tema	Conteúdo	Aprendizagens Essenciais	Recursos Didáticos
3º Período	8	Área das Atividades Físicas Desportivas	Jogos Desportivos Coletivos	Voleibol: 1. Cooperar com os companheiros em todas as situações, escolhendo as ações favoráveis ao êxito pessoal e do grupo, admitindo as indicações que lhe dirigem e as opções e falhas dos colegas. 2. Conhece o objetivo do jogo, identifica e discrimina as principais ações que o caracterizam: "Serviço", "Passe", "Recepção" e "Finalização". 3. Regras essenciais do jogo: a) dois toques, b) transporte, c) violação da linha divisória, d) rotação ao serviço, e) número de toques consecutivos por equipa e f) toque na rede. 4. Jogo 2+2, num campo com dimensões reduzidas e rede a 2.00m de altura.	Instalações e material desportivo; Fichas de realização de tarefas; Fichas de jogo;
	8		Desportos de Combate	Luta: 1. Cumpre as regras da disciplina em combate estabelecidas, respeitando sempre a integridade física do parceiro, mesmo à custa da sua própria vantagem. 2. Conhece o objetivo da luta, a ética do lutador e as pontuações, bem como o significado das ações e sinais de arbitragem e as regras das competições. 3. Em situação de luta no solo, utilizando a força das suas alavancas em conjugação com os movimentos do parceiro, procura e aproveita situações de vantagem para tentar o assentamento de espáduas.	Instalações e material desportivo; Fichas de realização de tarefas; Fichas de jogo;
	8	Área da Aptidão Física	Aptidão aeróbia e neuromuscular	Aptidão Física: Aptidão aeróbia; força abdominal; força superior; flexibilidade; velocidade e força inferior. Executa com correção os exercícios propostos e é capaz de corrigir os colegas.	Plataforma FITescola; Fichas de realização de tarefas; Música e instalação sonora;

5.2. Decisão Meso: Unidades Didáticas

Segundo Pais (2013), a unidade didática (UD) procura dar resposta às principais questões do desenvolvimento curricular: o que ensinar (objetivos e conteúdos), quando ensinar (sequência ordenada de atividades e conteúdos), como ensinar (tarefas de ensino e aprendizagem, organização do espaço e do tempo, materiais e recursos didáticos) e como avaliar (metalinguagem, critérios e instrumentos).

A realização das várias UD foi da responsabilidade do NE, pois todos os elementos tinham à sua responsabilidade o mesmo ano letivo. Uma vez que a construção deste documento de planeamento foi realizada em grupo, tornou-se possível a partilha de ideias, pontos de vista e conhecimentos, apesar de serem sempre adaptados às necessidades de cada contexto individual.

Na sua elaboração, foram tidos em consideração o nível de desempenho a alcançar pelos alunos, o número aulas previsto e os objetivos a que se propunham. Na sua constituição, englobavam as áreas de competências, conhecimentos e atitudes pretendidos no perfil do aluno. São também referenciados os protocolos de avaliação, os conceitos psicossociais e as estratégias a utilizar no decorrer da UD.

O modelo utilizado é baseado no modelo de Vickers, contudo foram realizadas algumas alterações, substituindo as funções didáticas por conteúdos específicos da modalidade. Aquando da realização das UD, enquanto NE, procedíamos à criação de um banco de exercícios referentes à modalidade, que cada um poderia consultar e adaptar às suas exigências.

Este documento facilita a organização e consulta do conhecimento, no entanto não é um processo fechado, pois, dependendo da resposta dos alunos, pode surgir a necessidade de efetuar algumas alterações aquilo que foi planeado. No quadro 2 pode ser consultado um exemplo de UD.

5.3. Decisão Micro: Plano de Aula

A estrutura do PdA foi construída pelo NE, tendo em consideração os pontos de vista dos três elementos. Desde logo, foi decidido que deveria ser um documento simples e prático, de maneira a facilitar a sua consulta. Segundo (Quina, 2009, p. 83), o PdA deve conter informações sobre os objetivos específicos que se pretendem atingir, os critérios de êxito, o tempo de duração de cada exercício ou o número de repetições, a estrutura organizativa da turma e os recursos necessários.

O modelo utilizado para a sua estrutura foi tripartido, composto por três momentos articulados de forma coerente: a parte inicial, exercícios que preparassem o aluno mentalmente e fisicamente para aula; a parte fundamental, composta por exercícios que permitissem exercitar, consolidar ou introduzir as matérias de ensino; e a parte final, composta por exercícios mais lúdicos e uma breve reflexão em grupo, acerca dos conteúdos abordados e das sensações ao longo da aula.

Para a seleção dos exercícios foi sempre tida em consideração uma progressão lógica ajustada aos objetivos da aula, promovendo a inclusão dos alunos e o bem-estar na aula. Segundo McCutcheon (citado por Derri et al., 2014), os professores usam o planeamento das aulas como forma de controlar a turma, desenvolvendo planos de contingência para fazer face aos problemas previstos e incidentes de disfunção da turma. Assim, a escolha dos exercícios tinha sempre em consideração as características da turma, de modo a facilitar o controlo da turma.

O planeamento da aula não é um processo fechado, depende da resposta dos alunos aos exercícios propostos, integrando a possibilidade de existir alguma alteração àquilo que foi planeado. Portanto, requer, no docente, a sensibilidade de perceber a resposta dos alunos aos exercícios e alguma destreza ao nível da tomada de decisão e na capacidade de adaptação.

5.4. Realização do Ensino

Após a realização do planejamento surge a realização do ensino, isto é, levar à prática aquilo que se planejou. A aula é o verdadeiro ponto de convergência do pensamento e da ação do professor. Da sua correta organização e estruturação e do que nela acontecer, dependem, grandemente, os resultados de aprendizagem dos alunos (Bento, 2003).

O início da aprendizagem profissional da docência é uma fase tão importante quanto difícil na carreira de um professor (Queirós, 2017). Aqui, surgiu o verdadeiro choque com a realidade, já que, devido à minha personalidade tímida, à falta de experiência e ao nervosismo inicial, senti dificuldades em assumir a liderança da aula e na gestão de comportamentos desviantes. Segundo Metzler (2000), existem dois tipos de gestão: a gestão do tempo e a gestão da turma. Senti-me um pouco perdido e à procura do meu estilo de liderança, o que condicionou a minha gestão da turma. No diz respeito à gestão do tempo, inicialmente senti que a quantidade de exercícios propostos para a turma era muito extensa e, por vezes, não conseguia cumprir todos os exercícios planeados. Após a redução do número de exercícios, a gestão do tempo de aula passou a ser fácil.

“Nesta aula decidi realizar menos um exercício, pois não tenho conseguido cumprir o plano de aula na totalidade. Esta opção revelou-se eficaz pois consegui lecionar uma aula mais fluida, sem estar sempre a olhar para o relógio. De facto, nesta aula não senti dificuldades em gerir o tempo da aula nem cumprir o plano de aula.”

Reflexão das Aulas nº 5 e 6

A capacidade de comunicação é uma característica fundamental para o sucesso de um professor. Segundo Rosado e Mesquita (2011), a capacidade de comunicar apresenta-se como um fator determinante da eficácia do professor no ensino da EF. A instrução relaciona-se com a comunicação entre o professor e os alunos, portanto, o modo como se transmite a informação condiciona o processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com Siedentop (1991), existem duas regras que o professor deve seguir durante a transmissão de informação: utilizar o menor tempo de aula possível e utilizar um discurso claro e objetivo. Assim, nas minhas intervenções, procurei ser objetivo e transmitir apenas a informação essencial e diminuir a existência de tempos sem atividade.

De forma a facilitar a compreensão dos alunos e o sucesso das tarefas a realizar, era imprescindível a realização da demonstração. Para a realização da demonstração, muitas vezes, eram selecionados os alunos com melhor desempenho. Contudo, em algumas situações de maior dificuldade, era necessário ser o professor a realizar a demonstração, de modo a facilitar a compreensão geral. Por vezes, eram selecionados também os alunos menos motivados, ou que estavam a ter um comportamento menos apropriado na aula, funcionando como uma estratégia de motivação e envolvimento nas tarefas da aula.

“Para a demonstração do circuito, escolhi um aluno que estava a ter um comportamento desadequado à aula. Com esta escolha consegui motivar e envolver o aulo para as tarefas da aula. Deste modo, também consegui reforçar a minha ligação com o aluno.”

Reflexão da Aula n.º 35

De acordo com Siedentop (1991), o entendimento do ensino e da aprendizagem é alcançado pela influência mútua dos alunos e do professor. Assim, durante o EP procurei, desde o início, criar uma ligação de afetividade com os alunos e conhecer melhor cada um deles.

“Apesar de a organização do exercício não ter sido a mais adequada e os alunos terem pouco espaço para se movimentarem. Acredito que a realização deste exercício foi benéfica, pois permitiu-me conhecer melhor os alunos numa situação lúdica e criar empatia desde o início, bem como uma dinâmica de grupo”

Reflexão da Aula n.º 1

O principal objetivo desde o início deste EP foi inculcar, nos alunos, o verdadeiro significado de equipa e o respeito pelos outros, de modo que a aula se tornasse um sítio agradável para todos. Segundo Rosado e Mesquita (2009), contextos de cooperação, entre os elementos da turma, promovem a aprendizagem, o empenho, as emoções e interações pessoais positivas.

Rink (2014) afirma que um professor eficaz tem de conseguir proporcionar um ambiente eficiente para a aprendizagem. Devido à dificuldade em gerir os comportamentos da turma, o ambiente nem sempre foi facilitador do sucesso, acabando por me tornar um professor autoritário nos momentos iniciais do EP.

“No fim da aula, em reflexão com a PC foi-me sugerido encontrar outra forma de comunicar com os alunos ao repreender os comportamentos desadequados à aula. Assim, pude perceber que me estava a tornar um professor demasiado autoritário, o que prejudicava minha relação com os alunos, pois os alunos quando se identificam com o professor estão mais motivados para as tarefas da aula.”

Reflexão da Aula n.º 24

5.5. Entre modelos e Estratégias de Ensino

A intervenção estruturou-se em torno de três modelos de ensino-aprendizagem: o modelo de abordagem progressiva ao jogo (MAPJ), o Modelo de Instrução Direta (MID) e o Modelo de Educação Desportiva (MED). Em virtude da falta de experiência, o modelo mais utilizado foi o MID, que tornou mais fácil a gestão dos comportamentos dos alunos, assegurando o bom funcionamento da aula. Segundo Metzler (2000), não existem modelos de ensino melhores que outros. Estes devem ser adaptados em função do tipo de alunos e dos objetivos pedagógicos de forma a promover uma aprendizagem eficaz.

Segundo Mesquita et al. (2013), o MAPJ propicia a aprendizagem de novas habilidades técnicas de forma progressiva, de acordo com as exigências táticas do jogo, tornando viável o jogo fluído. Neste contexto, dei muita importância ao envolvimento cognitivo dos alunos, encorajando ao entendimento e compreensão eficaz. O presente modelo foi aplicado na modalidade de voleibol,

através de jogos reduzidos, divididos por etapas, as quais iam dificultando o jogo ao longo das aulas. A modalidade foi iniciada através de uma etapa mais simples, jogo 1+1 cooperativo, e foi progredindo até uma etapa mais complexa, o jogo 2+2. Para facilitar o sucesso e a fluidez de jogo, foram utilizadas algumas adaptações regulamentares, nomeadamente: duplo toque, preensão da bola e ressalto. À medida que os alunos progrediam para a etapa seguinte as adaptações eram retiradas. Por causa da heterogeneidade dos alunos, era recorrente a realização de um torneio “sobe e desce”, onde cada campo correspondia a uma etapa de jogo. Assim, durante a aula conseguia proporcionar diferentes estímulos e dificuldades aos alunos. Este exercício permitia que os alunos praticassem um jogo adequado ao seu nível de desempenho.

De acordo Metzler (citado por Costa et al., 2021, p. 11), o MID caracteriza-se por centrar, no professor, a tomada de praticamente todas as decisões relativas ao processo de ensino-aprendizagem, mas também no envolvimento da participação dos alunos nas tarefas. Como referido anteriormente, este foi o modelo mais utilizado pela dificuldade em gerir os comportamentos da turma. Evidenciou-se ainda mais nas modalidades individuais, nomeadamente na dança, em que foi reproduzida uma coreografia, bem como na luta.

Segundo Siedentop (1998), o MED está organizado de acordo com as suas seis características, designadamente: época desportiva, filiação, competição formal, registo de informações, festividade e evento culminante. A distribuição de funções facilitou a compreensão e organização das tarefas, promovendo o espírito de competição. A competição entre equipas resultou num clima de festividade e aumentou os níveis de motivação. O evento culminante encerrou a UD e definiu os campeões da modalidade, sendo de realçar a alegria e a vontade dos alunos em querer vencer. O presente modelo foi utilizado na modalidade de atletismo e na de ginástica.

“A turma foi dividida em quatro equipas de seis elementos heterogéneos tendo em conta o género, habilidade motora e atitudes na aula. Em cada estação, os alunos estavam encarregados de registar os pontos obtidos como equipa. Tinham também a responsabilidade de realizar as medições dos lançamentos e de assegurar o cumprimento das regras de lançamento, socorrendo-se de uma ficha de arbitragem e de regras de

segurança. No final da aula, foram apresentados os resultados aos alunos e foram definidos os vencedores de cada estação e o campeão da modalidade de atletismo.”

Reflexão das Aulas nº 55 e 56

No que concerne à **ginástica**, a maior parte das aulas foi realizada através de circuitos, definidos em função dos objetivos da UD. A opção por esta estratégia tornou mais fácil a gestão dos comportamentos desadequados e promoveu o tempo de atividade motora. Nesta modalidade, recorri a alguns “ingredientes” do MED, designadamente a diferenciação de papéis. Ao prosseguirmos para uma fase mais avançada, foram definidos grupos de trabalho heterogéneos, em relação ao nível de desempenho e atitudes, com a tarefa de elaborar uma sequência gímnica. Com a intenção de melhorar a compreensão das dinâmicas da modalidade e de promover o espírito crítico, cada aluno apresentava a sequência gímnica ao grupo, enquanto os colegas desempenhavam o papel de júri. O papel do júri estava dividido em três tarefas: apreciação técnica; apreciação artística e verificação da realização da sequência proposta.

No que diz respeito ao **judo**, como referido anteriormente, foi utilizado essencialmente o MID, pela necessidade de transmitir as técnicas que depois eram exercitadas pelos alunos. Pese embora esta componente, a descoberta guiada, enquanto estilo de ensino, foi utilizada recorrendo a jogos lúdicos de oposição, que promoviam a exploração do corpo e o contacto com o adversário.

5.6. Avaliação: das Decisões às Práticas

Os dados da avaliação permitiram-nos classificar o desempenho dos alunos, contudo este não deve ser o seu principal foco. Segundo Depresbiteris (citado por Bratfische, 2003), a avaliação no seio da atividade de aprendizagem é uma necessidade, tanto para o professor como para o aluno. A avaliação permite ao professor adquirir elementos que o tornem capaz de situar, do modo mais correto e eficaz possível, a ação do estímulo para guiar o aluno. O aluno é colocado no centro do processo de ensino-aprendizagem e dele depende a tomada de decisão no mundo educacional. O professor funciona como um facilitador que

promove a autonomia para que o aluno trilhe o próprio caminho. Sendo assim, é necessário envolver e responsabilizar o aluno pelo sucesso do processo de ensino-aprendizagem.

A autoavaliação permite aos alunos refletir acerca das suas potencialidades e dificuldades. Permite ainda responsabilizar o aluno sobre o sucesso do processo de ensino, através da reflexão do seu desempenho. Com o objetivo de retirar a pressão de mais um momento de avaliação e de responsabilizar os alunos sobre processo de ensino-aprendizagem, na parte final da aula, os alunos deveriam distribuir-se por três sinalizadores, tendo em conta a autoavaliação que faziam relativamente aos objetivos propostos para a aula. O primeiro sinalizador seria ocupado pelos alunos que não sentiram qualquer dificuldade na realização dos exercícios, o segundo sinalizador era para aqueles alunos que cumpriram os objetivos da aula, mas que sentiram dificuldades na sua realização e o terceiro correspondia ao grupo de alunos que não conseguiram cumprir os objetivos pretendidos. Posteriormente, dava-se um breve diálogo sobre as dificuldades que impediram ou dificultaram a realização dos exercícios.

Esta estratégia também foi utilizada na área da aptidão física, recorrendo a uma escala perceptível de esforço. No que diz respeito ao primeiro sinalizador, seria ocupado pelos alunos que não sentiam cansaço após a realização do exercício, o segundo sinalizador seria para o grupo de alunos que sentia algum cansaço, mas que ainda tinha energia para continuar, por fim, o terceiro sinalizador, para os alunos que se sentiam extremamente cansados.



“A utilização do exercício dos cones como forma de autoavaliação revelou-se muito oportuna, pois desta forma consegui dialogar com os alunos acerca das suas sensações durante a aula de forma mais lúdica e retirar a pressão de mais um momento de avaliação”.

Reflexão das Aulas nº 33 e 34

O processo de avaliação inicial tem como objetivos fundamentais diagnosticar as dificuldades e limitações dos alunos face às aprendizagens previstas e prognosticar o seu desenvolvimento (de Carvalho, 1994).

Na primeira matéria lecionada, voleibol, a avaliação diagnóstica foi realizada através da observação de jogo 2+2, com o objetivo de perceber o nível em que encontrávamos os alunos e a turma. Foi utilizada, como método de avaliação, uma grelha “*checklist*”, onde foi anotada a realização, ou não realização, dos objetivos definidos (Figura 2).

Figura 2 – “*Checklist*”

 AGRUPAMENTO DE ESCOLAS AURÉLIA DE SOUSA		GRUPO —		 U.PORTO FACULDADE DE DESPORTO UNIVERSIDADE DO PORTO	
NOME DO ALUNO					
AVALIAÇÃO DIAGNOSTICA					
PASSE POR CIMA DA REDE					
PASSE DIRECIONADO PARA OS COLEGAS					
DESLOCAR PARA APANHAR A BOLA					
NÃO DEIXA A BOLA CAIR AO CHÃO					

Este formato de grelha não colocou dificuldades pela simplicidade do documento e pelos dados recolhidos não serem exaustivos nem pormenorizados. Esta estratégia de avaliação foi aplicada nas restantes modalidades ao longo do ano.

Na segunda modalidade, o badminton, tornou-se perceptível que os problemas evidenciados na modalidade de voleibol eram idênticos. A PC tinha uma teoria muito interessante acerca deste tema, apelidada de “teoria do bacalhau”. O bacalhau pode ser confeccionado de diversas formas, mas o ingrediente principal é sempre o bacalhau. Quer isto dizer que, apesar das especificidades de cada modalidade, ambas são modalidades de rede e o objetivo do jogo é o mesmo, passar a bola ou o volante, no caso do badminton, para o outro lado da rede. Por isso, podem ser utilizadas a mesma tipologia de situações de aprendizagem, com as devidas adaptações, para aferir o nível da turma quando as modalidades se relacionam.

No que concerne à avaliação sumativa, esta foi realizada no final de cada UD. Segundo Araújo (2017), consiste num processo de avaliação que deve proporcionar um balanço final sobre as aprendizagens, que é da responsabilidade do professor e deve providenciar um juízo de valor globalizante e uma qualificação dos produtos de aprendizagem. Inicialmente, senti alguma dificuldade na sua aplicação, dada a quantidade de informações a registar num curto espaço de tempo, apesar de ter uma noção do desempenho individual dos alunos, devido à sua participação ao longo das diversas aulas.

Na avaliação da aptidão física, foi utilizada a plataforma FITescola, onde foram inseridos os resultados obtidos. Após o registo dos dados, conseguimos perceber qual o desempenho dos alunos e o perfil que ocupam através dos valores de referência. Nesta plataforma, é ainda possível encontrar informações detalhadas sobre os testes aplicados, bem como o historial individual do aluno ao longo do seu percurso no agrupamento.

Ficou definido, pelo grupo de EF, que os testes realizados para avaliar a aptidão neuromuscular seriam a agilidade 40m, a velocidade 40m, os abdominais, as flexões de braço, a impulsão horizontal, a flexibilidade dos membros inferiores e a flexibilidade dos membros superiores. No que concerne à aptidão aeróbia, foi aplicado o teste vaivém. Comparando os dados recolhidos no 1º período com os do 3º período, foi perceptível que houve melhoria do nível de aptidão física dos alunos. Nomeadamente nos testes de agilidade e força superior, que foram identificados como as principais dificuldades (Quadro 2).

Quadro 2 Resultados dos Testes de Aptidão Física

1º Período								
	Vo2 max.	Abdominais	Flexões	Imp. Horizontal	Agilidade 4x10m	Velocidade 40m	Flex. MI	Flex. MS
Perfil não saudável	4	5	14	1	18	9	14	4
Perfil saudável	13	17	7	21	5	12	10	20
Perfil atlético	7	2	3	2	1	3	0	0

3º Período								
	Vo2 max.	Abdominais	Flexões	Imp. Horizontal	Agilidade 4x10m	Velocidade 40m	Flex. MI	Flex. MS
Perfil não saudável	3	1	8	1	14	6	14	1
Perfil saudável	14	15	10	19	10	13	10	23
Perfil atlético	7	8	6	4	0	5	0	0

No que diz respeito à avaliação dos conhecimentos, foi aplicada uma ficha de trabalho. Foram utilizados, como recursos didáticos, a plataforma FITescola e a *classroom*, que serviram para disponibilizar alguns vídeos relacionados com os valores paralímpicos (Anexo 2).

6. Participação na Escola e Relação com a Comunidade

A participação e envolvimento do EE nas atividades escolares é essencial para o seu desenvolvimento, enquanto docente, e para a sua integração na comunidade. Estas atividades ajudaram-me a compreender que o papel do professor vai muito além das aulas. Com a sua realização, tornou-se possível estabelecer uma relação mais próxima com os alunos e com a comunidade escolar, por intermédio de experiências e oportunidades únicas, num contexto diferente que muitos vão recordar para a vida, tanto alunos como professores.

“Apercebi-me que sem a pressão da avaliação e o contexto de sala de aula é possível criar uma relação mais próxima com os alunos e torna-se muito mais fácil a transmissão de conhecimentos e a gestão dos comportamentos desadequados”

Reflexão Sobre a Participação no Desporto Escolar

O envolvimento nestas atividades e na comunidade escolar foi bastante enriquecedor, pois permitiu-me compreender a logística necessária para as atividades planeadas saírem do papel e o tempo e empenho necessários para a sua realização.

Ao longo do EP foram várias as atividades nas quais tive a oportunidade de participar.

A primeira atividade e que exigiu mais trabalho do núcleo de estágio foi a organização do corta-mato escolar, fase escola. A realização da mesma ficou a cargo dos EE, com a ajuda do grupo de EF. Uma vez que é uma atividade que diz respeito ao agrupamento, foi necessária a realização de um cartaz de divulgação do evento para distribuir pelas várias escolas do agrupamento, de modo que todos os alunos tivessem conhecimento da sua realização. Após a recolha das inscrições foi criado um documento Excel no qual foram divididos os participantes por escalão e por escola. Posteriormente, foi necessária a criação de um ficheiro com os dorsais para cada escalão e a atribuição de um dorsal individual. Para facilitar a dinâmica de início de prova, os dorsais foram separados por escalão e escolas, e entregues nas mesmas para que os alunos no dia de prova chegassem preparados para correr. No dia da prova foi necessário começar o dia mais cedo, antes do horário de aulas, para montar o percurso e todo o material necessário. Enquanto NE tivemos de distribuir tarefas, a minha foi o controlo dos alunos após a chegada à meta, para garantir que as classificações eram corretas e os alunos não ultrapassavam ninguém no funil de chegada. Os meus colegas de NE ficaram encarregados de registar as classificações no Excel, anteriormente mencionado. Esta prova serviu para apurar os alunos para o corta-mato regional, no qual tivemos a oportunidade de participar. O corta-mato regional foi realizado em Santo Tirso e, aqui, apenas desempenhei a função de acompanhar os alunos à linha de partida e posterior receção na linha de chegada.

O Mega sprinter foi dividido em três fases: a fase turma, a fase escola e a fase regional. Para a realização da fase turma foi despendida uma aula. Foi realizada uma competição de velocidade 40m e de lançamento do peso, na qual os alunos foram envolvidos na sua dinâmica e organização, desempenhando a função de árbitros, cronometristas e registos de resultados na folha do torneio. Esta estratégia surgiu no âmbito de integrar os alunos no processo de ensino-aprendizagem e de facilitar a compreensão sobre o funcionamento de uma prova de atletismo. Esta fase serviu para apurar os alunos para a fase escola e posteriormente para a fase regional. No que concerne à fase escola, realizou-se

na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto e a sua organização ficou a cargo da escola do movimento, uma escola de atletismo. Nesta fase, desempenhei a função de acompanhar os alunos em segurança ao local da prova e posterior regresso à escola. Durante a realização da prova, acompanhei os alunos da minha turma residente pelas várias provas e dei alguns feedbacks aos alunos para que obtivessem melhor desempenho e se mantivessem motivados. Este evento foi bastante importante para a promoção da modalidade de atletismo, aliado ao clima de festividade vivido que proporcionou um momento único de lazer a todos os envolvidos. A fase regional realizou-se na Póvoa de Varzim e desempenhei a função de acompanhar os alunos às provas e de fornecimento de alguns feedbacks na realização das mesmas.

No início do ano surgiu a possibilidade de frequentar um grupo de desporto escolar. Apesar de ter um conhecimento pouco aprofundado acerca da modalidade, escolhi frequentar o grupo de escalada devido à disponibilidade de horários. O meu envolvimento foi bastante assíduo, pois acompanhei os treinos semanais e participei nas competições de escolas da modalidade. Esta escolha revelou-se oportuna, pois consegui aprofundar os meus conhecimentos numa modalidade em que tinha menos conhecimento e ajudou-me a compreender o funcionamento de uma prova de escalada.

A convite da professora cooperante, tive também o privilégio de participar numa atividade de desporto adaptado realizada no parque da cidade do porto, que consistiu na realização de um circuito com vários jogos e desafios. A minha função foi ficar responsável por uma das estações e prestar auxílio aos alunos na sua realização. Tornou-se numa experiência bastante enriquecedora, pois tive contacto com alunos com outras dificuldades motoras e cognitivas. Estes demonstravam uma alegria contagiante sempre que conseguiam chegar à estação seguinte.

A comemoração do dia europeu do desporto escolar foi um dia que o grupo de EF e escola fizeram questão de destacar, realizando várias atividades durante os intervalos. Por isso, enquanto NE, decidimos desenvolver uma competição de toques com a bola. Esta competição causou-me alguma admiração pelo número elevado de toques na bola que alguns alunos conseguiram realizar sem que esta

tocasse o chão. Importa salientar a motivação e alegria dos alunos durante a realização das várias atividades disponíveis.

Por fim, a convite da professora de educação visual, acompanhei a turma residente numa visita de estudo ao museu Soares dos Reis. Nesta visita, observámos uma breve exposição acerca da universidade do porto e das várias faculdades que a integram. No segundo momento da visita, assistimos a uma exposição sobre a vida e obra da pintora Aurélia de Sousa, pintora esta que dá o nome à escola e ao agrupamento. Este momento serviu para fortalecer a relação de afetividade com a turma de forma lúdica e menos formal.

7. Participação e envolvimento de alunos de níveis de desempenho distintos nos comportamentos ofensivos no jogo de futebol: estudo com alunos do ensino secundário

7.1. Resumo

Este estudo de natureza descritiva teve como objetivo analisar a participação e envolvimento no jogo (5vs5) de 10 alunos, 5 de nível de desempenho superior e 5 de nível inferior, de alunos de uma turma do 11ºano de escolaridade numa unidade didática de futebol. Foi realizada uma análise de comportamentos ofensivos tendo em consideração a participação no jogo recorrendo à filmagem de três aulas. O instrumento de observação e registo utilizado foi o SoccerEye e o software de análise o SDIS-GSEQ. Os dados evidenciaram que os alunos de nível de desempenho superior apresentam uma participação mais ativa no jogo e, conseqüentemente, maior número de comportamentos ofensivos, bem como uma maior probabilidade de sucesso. Já os alunos de nível de desempenho inferior apresentam menor mobilidade e a maioria dos comportamentos ofensivos registados são na metade defensiva do campo. Os níveis de participação dos alunos observados foram aceitáveis.

Palavras-Chave: METODOLOGIA OBSERVACIONAL; FUTEBOL; INCLUSÃO; INVESTIGAÇÃO DA PRÁTICA.

7.2. Abstract

The aim of this descriptive study was to analyse the participation and involvement in the game (5vs5) of 10 pupils, 5 of higher performance level and 5 of lower level, from an 11th grade class in a football didactic unit. An analysis of offensive behaviour was carried out taking into account participation in the game by filming three lessons. The observation and recording tool used was SoccerEye and the analysis software was SDIS-GSEQ. The data showed that students with a higher level of performance had a more active participation in the game and, consequently, a greater number of offensive behaviours, as well as a greater probability of success. On the other hand, the lower-performing students were less mobile and most of the offensive behaviours recorded were in the defensive half of the pitch. The participation levels of the students observed were acceptable.

Keywords: OBSERVATIONAL METHODOLOGY; FOOTBALL; FOOTBALL; INCLUSION; PRACTITIONER RESEARCH.

7.3. Introdução

O desenvolvimento de um vínculo afetivo com o jogo, o desporto e o exercício, bem como a capacidade de reflexão sobre os problemas relacionados com o contexto desportivo assumem um papel preponderante na educação física (Crum, 1993). Neste âmbito, os jogos desportivos coletivos emergem como matérias relevantes na generalidade dos anos de escolaridade, sendo o futebol uma delas.

Os jogos desportivos devem ser entendidos e lecionados de forma a que proporcionem prazer aos praticantes, no entanto devem ser estabelecidas regras que os participantes devem seguir para que todos participem (Graça & Mesquita, 2013). Os níveis de desempenho motores inferiores tende a condicionar a participação e envolvimento dos alunos no jogo, pelo que a sua inclusão tem sido uma das principais dificuldades dos professores de EF. Assim, é fundamental criar situações de aprendizagem em que todos os alunos possam participar e aprender, designadamente o jogo de futebol que tende a ser das matérias mais excludentes dos jogos desportivos coletivos. Face a esta realidade é necessário tornar o futebol mais inclusivo para que todos os alunos tenham oportunidade de participar no jogo, desfrutar e aprender.

Sarmiento et al. (2013) referem que “a metodologia observacional, que se desenvolve em contextos organizados, ou habituais (e.g., um jogo de futebol), consiste num procedimento científico em que se destaca a ocorrência de condutas perceptíveis em situação de contexto, para proceder ao seu registo sistematizado ou ativo e à sua análise, tanto qualitativa como quantitativa, mediante a utilização de um instrumento adequado assente em critérios e parâmetros validos, possibilitando a deteção das relações de diversa ordem existentes entre elas e uma avaliação das mesmas”. Neste quadro, este estudo procura aportar conhecimento relevante da tipologia de comportamentos ofensivos de alunos com níveis de desempenho distintos que permita aos professores de Educação Física melhorar a sua intervenção, na procura que todos os alunos participem e aprendam.

7.4. Objetivos

O objetivo deste estudo de natureza descritiva foi analisar a participação e envolvimento no jogo (5vs5) de 10 alunos, 5 de nível de desempenho superior e 5 de nível inferior, de alunos de uma turma do 11ºano de escolaridade numa unidade didática de futebol.

Especificamente visou analisar-se as zonas do terreno de jogo (mobilidade no campo) que os alunos de diferentes níveis de desempenho ocupam, bem como os comportamentos ofensivos de início da fase ofensiva, o desenvolvimento da posse de bola e os comportamentos ofensivos do final da fase ofensiva.

7.5. Metodologia

7.5.1. Contexto e Participantes

O estudo realizou-se no contexto do estágio profissional do 2ª ciclo de estudos do ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Deporto da Universidade do Porto, numa turma do 11ºano de escolaridade. A professora titular da disciplina era a professora cooperante, mas a leção da unidade didática de futebol foi realizada por dois estudantes-estagiários (o professor-investigador e um colega de estágio). A unidade didática teve a duração de 7 aulas (quatro aulas de 50 minutos e três de 100 minutos).

A turma era composta por 20 alunos, dez rapazes e dez raparigas. De destacar a excelente relação que os alunos tinham entre si e a preocupação em incluir os colegas com mais dificuldades na realização dos exercícios propostos. Da totalidade de alunos foram selecionados propositadamente dez alunos, cinco de nível de desempenho superior e cinco de nível inferior. Dos alunos selecionados, seis eram do sexo masculino e quatro do sexo feminino, com idades entre os 15 e 16 anos.

7.5.2. Procedimentos de Recolha e Análise dos Dados


Os dados foram recolhidos através da filmagem dos jogos 5x5 em três aulas, com a duração de cinco minutos de tempo médio de jogo.

Os dados foram analisados utilizando o software SoccerEye, que permite a exportação dos registos para o software de análise SDIS-GSEQ. Os comportamentos ofensivos foram analisadas utilizando os seguintes critérios: início da fase ofensiva, desenvolvimento da posse de bola, espacialização do terreno de jogo e final da fase ofensiva (Quadro 3).

Os dados foram recolhidos em três aulas e foram analisados conjuntamente, porquanto o objetivo foi de natureza descritiva. A análise visou caracterizar a participação dos alunos no jogo para poder intervir para a melhorar.

Quadro 3 Critérios e Respetivas Categorias do Instrumento de Observação SoccerEye Adptado de (Barreira et al., 2013)

Critérios	Subcritérios	Nº Categorias	Categorias
Início da Fase Ofensiva/ Recuperação da posse de Bola	Direta dinâmica	4	IEi: Recuperação da Posse de Bola por Interceção; - IEd: Recuperação da Posse de Bola por Desarme; - IEgr: Recuperação da Posse de Bola por Ação do guarda-redes em fase ofensiva; ou - IEp: Recuperação da Posse de Bola por Ação defensiva seguida de passe.
	Indireta Estatística	6	Ilcg: Início / Reinício da Fase Ofensiva por Começo / Recomeço do Jogo (pontapé de saída); - Ili: Recuperação da Posse de Bola por Infração do Adversário às Leis do Jogo; - Ilc: Recuperação da Posse de Bola por Pontapé de Canto; - Ilpb: Recuperação da Posse de Bola por Pontapé de Baliza; - Ilbs: Recuperação da Posse de Bola por Bola ao Solo; - IILL: Recuperação da Posse de Bola por Lançamento de Linha Lateral.
Desenvolvimento da Posse de Bola (DP)		19	DPpcc: Desenvolvimento da Posse de Bola por Passe Curto Positivo; -DPpcn: Desenvolvimento da Posse de Bola por Passe Curto Negativo; -DPppl: Desenvolvimento da Posse de Bola por Passe Longo Positivo; -DPppln: Desenvolvimento da Posse de Bola por Passe Longo Negativo; -DPpczp: Desenvolvimento da Posse de Bola por Cruzamento Positivo; -DPpczn: Desenvolvimento da Posse de Bola por Cruzamento Negativo; -DPpcd: Desenvolvimento da Posse de Bola por Condução; -DPpd: Desenvolvimento da Posse de Bola por Drible (1x1); -DPprc: Desenvolvimento da Posse de Bola por Recepção/Controle; -DPpdu: Desenvolvimento da Posse de Bola por Duelo; -DPpr: Desenvolvimento da Posse de Bola por Remate; -DPpse: Desenvolvimento da Posse de Bola com Intervenção do Adversário sem êxito; -DPpgr: Desenvolvimento da Posse de Bola por ação do guarda-redes da equipa em Fase Ofensiva; -DPpgra: Desenvolvimento da Posse de Bola por ação do guarda-redes da equipa em Fase Defensiva; -DPpi: Desenvolvimento da Posse de Bola por Infração do adversário às Leis do Jogo; -DPpc: Desenvolvimento da Posse de Bola por Pontapé de Canto; -DPpbb: Desenvolvimento da Posse de Bola por Pontapé de Baliza; -DPpbs: Desenvolvimento da Posse de Bola por Bola ao Solo; -DPPLL: Desenvolvimento da Posse de Bola por Lançamento de Linha Lateral.

Final da Fase Ofensiva (F)	Com Eficácia	4	Frf: remate não enquadrado com a baliza adversária; -Frd: remate enquadrado com a baliza adversária; -Frad: remate interceptado, sem manutenção da posse de bola; -Fgl: golo. Fbad: Perda da posse de bola por erro do portador da bola / ação do defesa adversário (exceção para o guarda-redes); -Fgrad: Perda da posse de bola por ação do guarda-redes adversário; -Ff: Lançamento da bola para fora; -Fi: Infração às leis do jogo.
	Sem Eficácia	4	
Espacialização do Terreno de Jogo		12	

As gravações foram utilizadas apenas no âmbito académico pelo autor deste relatório de estágio e por um docente do gabinete de futebol da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Os alunos foram informados dos objetivos do estudo, deram o seu consentimento e o anonimato foi garantido.

7.6. Resultados e Discussão

7.6.1. Mobilidade no Campo

A análise dos dados colocou em evidência que os alunos de nível de desempenho inferior têm menos mobilidade na ocupação do terreno de jogo e que a maioria dos comportamentos ofensivos são realizados na metade defensiva do campo (figura 3).

Zona 1 Freq. 2 Freq.rel 0,1	Zona 4 Freq. 9 Freq.rel 0,4	Zona 7 Freq. 5 Freq.rel 0,2	Zona 10 Freq. 0 Freq.rel 0,0
Zona 2 Freq. 14 Freq.rel 0,6	Zona 5 Freq. 23 Freq.rel 0,9	Zona 8 Freq. 11 Freq.rel 0,4	Zona 11 Freq. 15 Freq.rel 0,6
Zona 3 Freq. 1 Freq.rel 0	Zona 6 Freq. 11 Freq.rel 0,4	Zona 9 Freq. 9 Freq.rel 0,4	Zona 12 Freq. 5 Freq.rel 0,2

Figura 3 Frequência das Zonas do Terreno de Jogo Ocupadas - Alunos de Nível de Desempenho Inferior

Relativamente aos estudantes de nível de desempenho superior verificou-se uma maior mobilidade na ocupação do terreno de jogo, pois, conforme se pode observar na Figura 4, foram registados comportamentos ofensivos em todas as zonas, bem como uma maior frequência de comportamentos na área da equipa adversária.

Considerando o veiculado por Garganta et al (2013. p.213) que referem que “uma equipa de futebol pode ser entendida como um superorganismo cujo comportamento surge a partir das sinergias que ocorrem entre as partes constituintes, sendo que estas se orientam para finalidades convergentes.”, importa que todos os jogadores participem e contribuam para o objetivo do jogo, tanto os de nível desempenho superior como os de nível inferior; pois, o jogo de futebol resulta da junção de comportamentos individuais na procura de um objetivo comum, o golo. A mobilidade permite aumentar as probabilidades de golo e proporcionar melhores condições ao portador da bola, de modo a dar continuidade à ação ofensiva em direção à baliza adversária (da Costa et al., 2009). Por conseguinte, as jogadas dos alunos de nível superior têm maior probabilidade de sucesso.

Devido à aglomeração em torno da bola observada nos alunos da turma durante o jogo, a maioria dos comportamentos ofensivos foi realizada na zona central, assim como nos estudantes de nível de desempenho inferior (figura 4).

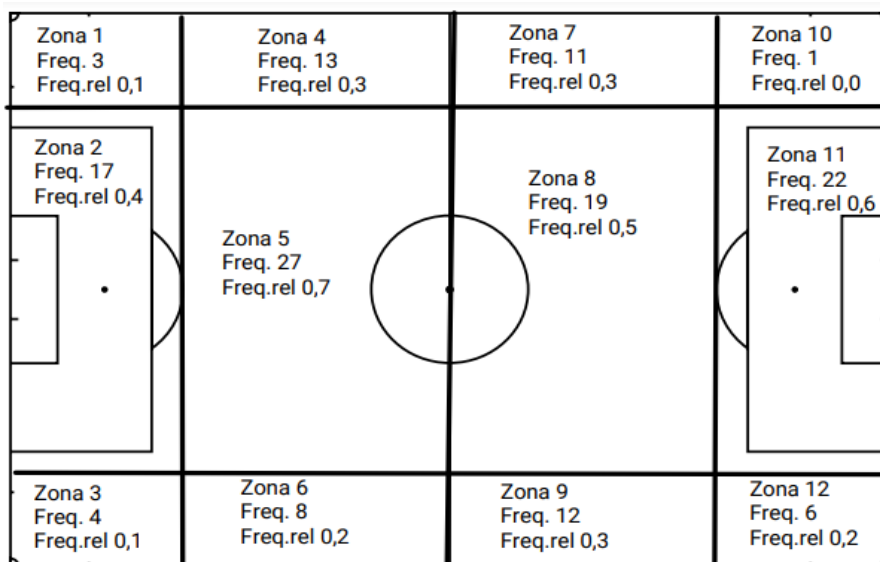


Figura 4 Frequência das Zonas do Terreno de Jogo Ocupadas - Alunos de Nível de Desempenho Superior

7.6.2. Comportamentos Ofensivos do Início da Fase Ofensiva

Nos alunos de nível de desempenho inferior foram registados 144 comportamentos ofensivos, enquanto nos de nível de desempenho superior foram registados 247.

No que concerne o início da fase ofensiva, verificou-se que nos momentos de início de jogo ou recomeço de jogo, os alunos de nível de desempenho inferior apresentaram uma frequência superior no início da fase ofensiva, 35 comportamentos, enquanto os alunos de nível de desempenho superior registaram uma frequência de 31 comportamentos. Valor que evidencia as características inclusivas da turma, pois os alunos de nível de desempenho superior permitiam que o jogo fosse iniciado por um colega com mais dificuldades, de modo a facilitar a sua participação no jogo. Os alunos de nível de desempenho superior evidenciaram mais facilidade no início das ações

diretas dinâmicas, nomeadamente no início da fase ofensiva após o desarme e na continuidade do jogo após a recuperação da bola (gráfico 3).

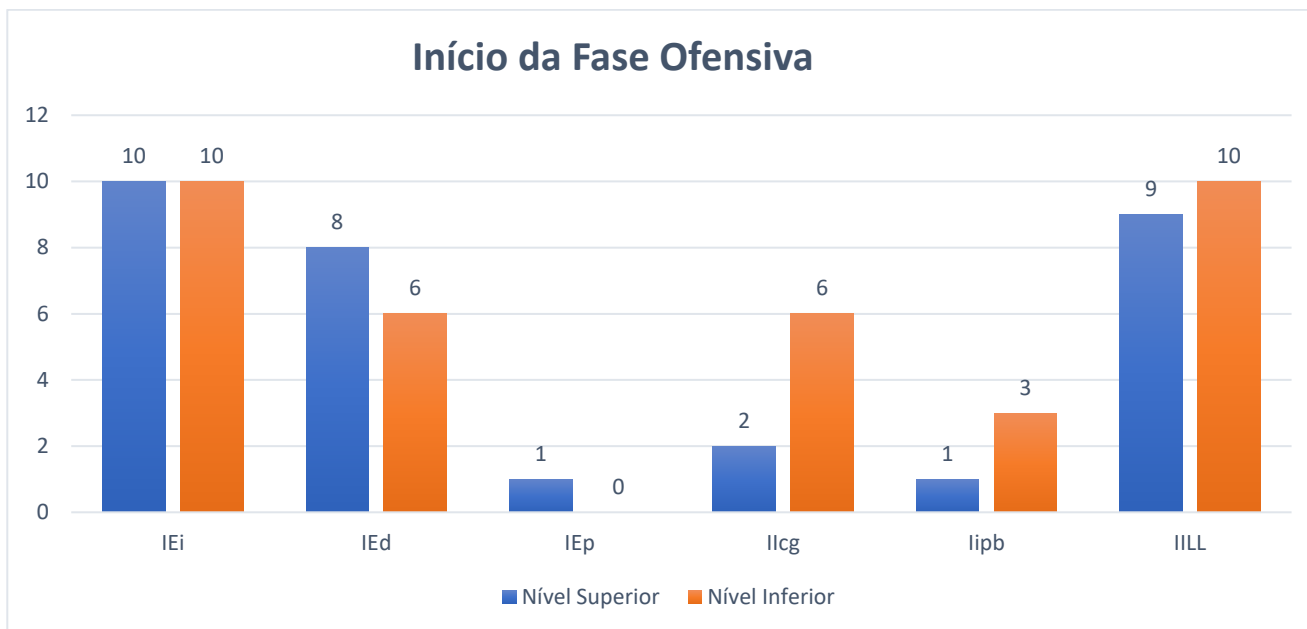


Gráfico 3 Início da Fase Ofensiva

7.6.3. Desenvolvimento da posse da bola

No que diz respeito o desenvolvimento da posse de bola, foram observados 138 comportamento ofensivos de desenvolvimento de posse de bola nos alunos de nível de desempenho superior, enquanto nos estudantes de nível de desempenho Inferior foram registados apenas 56. Nos alunos de nível de desempenho superior verificou-se maior frequência de passes curtos negativos devido ao elevado número de passes realizados. Nos alunos de nível de desempenho inferior foram observados 23 comportamentos ofensivos de final da fase ofensiva. Os alunos de nível de desempenho superior realizaram 35 passes curtos positivos enquanto os alunos de nível de desempenho baixo realizaram apenas 17. Autores como Garganta et al (2013. p.207) defendem que “Um bom executante é, antes de mais, um individuo capaz de eleger as técnicas mais adequadas, para responder às sucessivas configurações do jogo e paras as condicionar em favor da sua equipa”. Também Silva (2019) reporta que quanto maior a posse de bola numa equipa melhores condições de finalização e mais

oportunidades são criadas. Assim, os alunos com mais comportamentos de desenvolvimento da posse de bola estão mais próximos do sucesso, o golo.

Nos alunos de nível de desempenho inferior as dificuldades técnicas evidenciaram-se ao nível da condução de bola, uma vez que registaram apenas dois comportamentos ofensivos de condução de bola e no remate, no qual apenas foi registado um comportamento ofensivo de remate (gráfico 4).

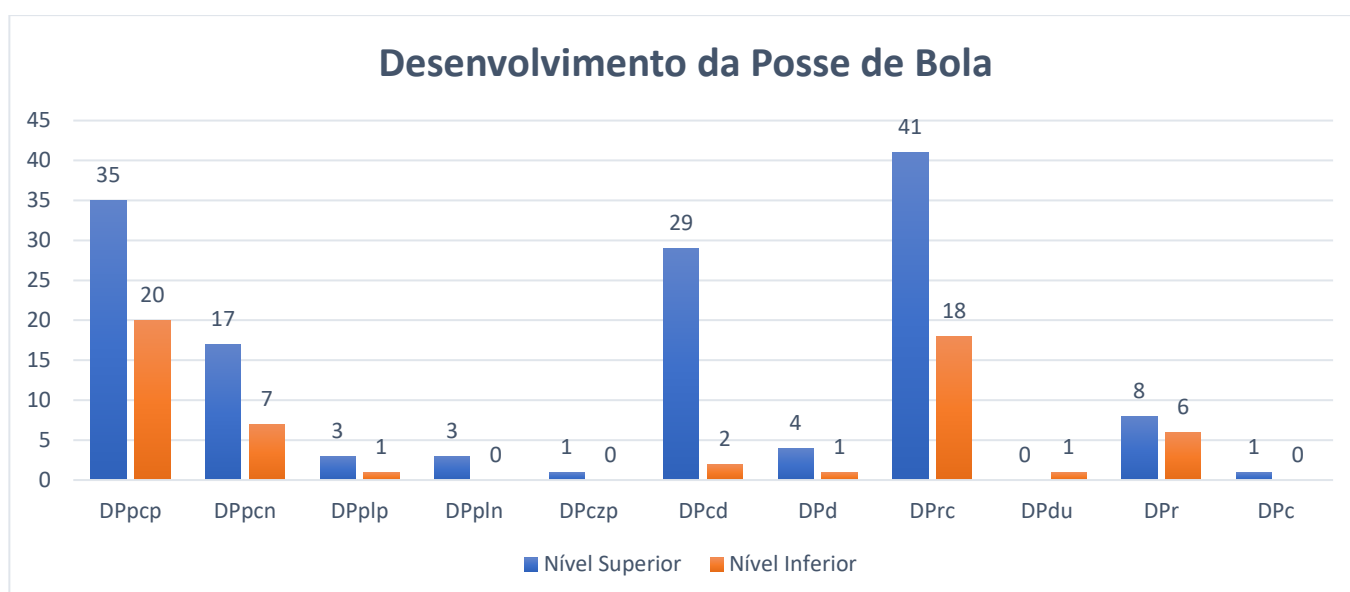


Gráfico 4 Desenvolvimento da Posse de Bola

7.6.4. Comportamentos Ofensivos da Fase Final Ofensiva

Relativamente aos comportamentos ofensivos de final da fase ofensiva, verificou-se uma maior frequência de final da fase ofensiva por erro do portador da bola nos alunos de nível alto, no entanto a frequência de comportamentos ofensivos é maior, uma vez que participam mais vezes no jogo. Nos alunos de nível de desempenho superior foram registados 39 comportamentos ofensivos, dos quais cinco terminaram em golo e um defendido pelo guarda-redes adversário. Relativamente aos alunos de nível de desempenho inferior apenas foram registados dois golos e quatro remates não enquadrados com a baliza (gráfico 5).

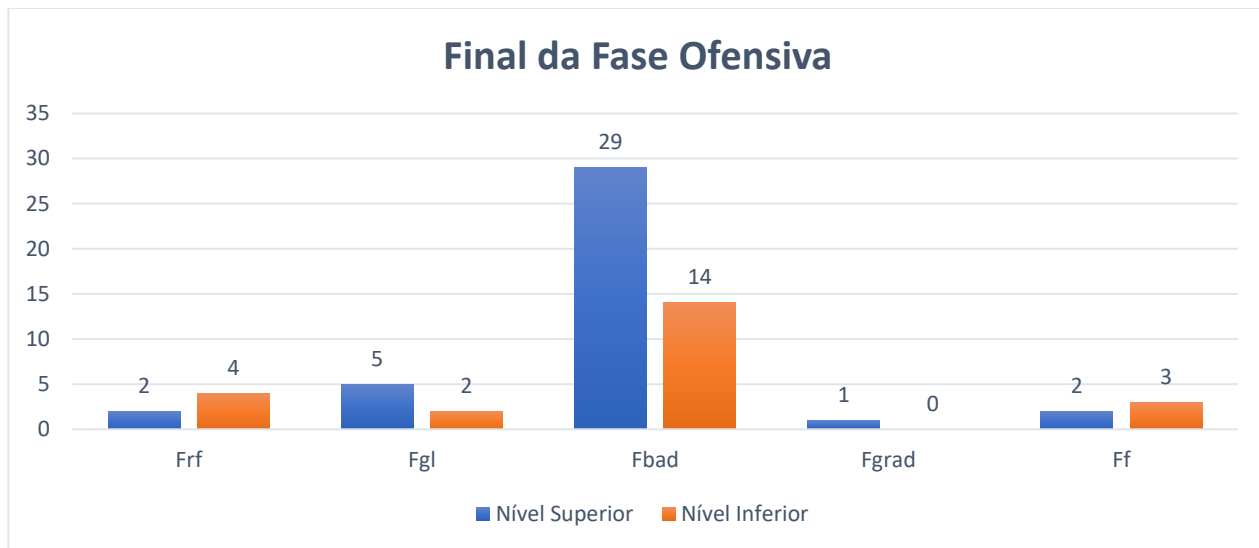


Gráfico 5 Final da Fase Ofensiva

Autores como Machado et al (2013) defendem que o número de golos marcados deve ser considerado como indicador de performance para atingir o sucesso. Por conseguinte, conforme expectável, as jogadas em que os estudantes de nível de desempenho superior participam têm maior possibilidade de sucesso, uma vez que apresentam maior quantidade de remates em todos os momentos de observação.

7.7. Conclusão

Os resultados do presente estudo colocaram em evidência que os alunos de nível de desempenho superior apresentam maior mobilidade durante o jogo e ocupam mais frequentemente zonas mais avançadas no terreno de jogo, ou seja, ocupam zonas do terreno mais próximas da baliza adversária. A quantidade de comportamentos ofensivos evidenciados nos alunos de nível elevado é superior aos alunos de nível de desempenho inferior, pois os alunos de nível mais elevado apresentam uma participação mais ativa no jogo e, consequentemente, maior número de comportamentos ofensivos. A probabilidade de sucesso evidenciada nas jogadas dos alunos de nível superior é maior, devido à presença de mais comportamentos ofensivos que devem ser interpretados como indicadores de

sucesso, nomeadamente os golos, os remates efetuados e a quantidade de passes curtos positivos.

Face às características identificadas dos comportamentos dos alunos de níveis de desempenho distintos na fase ofensiva, importa realçar a necessidade de os professores recorrerem a estratégias que permita aos alunos de nível de desempenho inferior melhorarem a mobilidade em campo e aumentar a participação na fase final do ataque. A título de exemplo sugerem-se duas estratégias: defesa passiva na fase final do ataque a estes alunos e o golo apenas é válido se todos os alunos ocuparem zonas na metade ofensiva do campo.

7.8. Limitações

O presente estudo, sendo em contexto real de ensino alguns fatores não puderam ser controlados como por exemplo: a assiduidade dos alunos nas aulas de EF, o espaço temporal e espacial, as características da turma e o nível de heterogeneidade da turma.

7.9. Referências Bibliográficas

- Barreira, D., Garganta, J., Castellano, J., & Anguera Argilaga, M. T. (2013). SoccerEye: A software solution to observe and record behaviours in sport settings. *The Open Sports Sciences Journal*, 2013, vol. 6, p. 47-55.
- Crum, B. J. (1993). Conventional thought and practice in physical education: Problems of teaching and implications for change. *Quest*, 45(3), 339-356.
- da Costa, I. T., da Silva, J. M. G., Greco, P. J., & Mesquita, I. (2009). Princípios táticos do jogo de futebol: conceitos e aplicação. *Motriz. Journal of Physical Education. UNESP*, 657-668.
- Garganta, J., Guilherme, J., Barreira, D., Brito, J., & Rebelo, A. (2013). Fundamentos e práticas para o ensino e treino do futebol. *Jogos desportivos coletivos. Ensinar a jogar*, 199-263.

- Graça, A., & Mesquita, I. (2013). Modelos e concepções de ensino dos jogos desportivos. *Jogos desportivos coletivos—ensinar a jogar. Porto: Universidade do Porto*, 9-54.
- Sarmiento, H., Anguera, M. T., Campaniço, J., & Leitão, J. C. (2013). A metodologia observacional como método para a análise do jogo de futebol—Uma perspetiva teórica. *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física*(37), 11-23.
- Silva, S. S. d. (2019). Correlação entre a posse de bola e passes corretos no Futebol: maior posse determina maior qualidade do passe de bola? *Educación Física y Ciencia*, 21(3), 86-86.

8. Considerações Finais

Assim termina mais um capítulo muito importante da minha vida, um ano que sem dúvida alguma ficará gravado para sempre na minha memória.

Foi um ano difícil e muito trabalhoso, mas em retrospectiva acabou por passar a correr. No estágio, vivi momentos intensos e de ansiedade que me causaram dúvidas sobre se conseguiria cruzar a meta final. Mesmo sabendo das dificuldades que a literatura evidencia acerca do choque com a realidade no início da carreira de docente, o choque foi tremendo. Muitas vezes senti-me perdido e a questionar-me se este seria o meu caminho. No entanto, estes obstáculos serviram apenas para me fortalecer e fazer perceber que apesar das dificuldades esta é a profissão que quero seguir.

Esta foi uma experiência bastante enriquecedora, no âmbito profissional e humano, pois permitiu-me começar a construir a minha identidade enquanto docente e a desenvolver o meu lado humano e afetivo. Tive a oportunidade de descobrir o que devo privilegiar nas minhas aulas, perceber como interagir com os alunos, como cativar e motivar os alunos para a realização das tarefas e a melhor maneira de lidar com turmas difíceis, ao nível do comportamento.

Ao longo desta caminhada tive a oportunidade de aprender com pessoas experientes, a PC a PO, que me indicaram o caminho a seguir e me apoiaram na descoberta do que significa ser um bom professor.

Encerro esta experiência, com um sentimento de dever cumprido e gratidão pela oportunidade que me foi dada e com a certeza de que, apesar das dificuldades e dos desafios que esta profissão acarreta, fiz bem em escolher ser professor.

Referências Bibliográficas

- Agrupamento de Escolas Aurélia de Sousa. (2022). Projeto Educativo de Escola - Triénio 2022/2025. Porto.
- Almeida, F., & Moreira, E. (2012). Contribuições da disciplina de estágio supervisionado de um curso de licenciatura em educação física: a percepção discente. *Conexões*, 10, 77-102. doi:10.20396/conex.v10i2.8637676
- Araújo, F. (2017). A avaliação das aprendizagens em Educação Física. *Educação Física escolar: referenciais para o ensino de qualidade*. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 119-149.
- Batista, P., & Queirós, P. (2013). O estágio profissional enquanto espaço de formação profissional. In *Olhares sobre o estágio profissional em Educação Física* (Vol. 1, pp. 33-52). Porto: Editora FADEUP.
- Bego, G. A., & dos Anjos, J. R. C. (2020). A importância da Educação Física Escolar Para a Formação do Indivíduo na Sociedade. *Revista Saúde UniToledo*, 4(1), 13-26.
- Bento, J. O. (2003). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Lisboa: Edições Livros Horizonte.
- Bossle, F. (2002). Planejamento de ensino na educação física-uma contribuição ao coletivo docente. *Movimento*, 8(1), 31-39.
- Bratfische, S. A. (2003). Avaliação em educação física: um desafio. *Revista da Educação Física/UEM*, 14(2), 21-31.
- Cardoso, I., Batista, P., & Graça, A. (2016). A identidade do professor de Educação Física: Um processo simultaneamente biográfico e relacional. *Movimento*, 22(2), 523-538.
- Costa, C. E., Amaro, G. F. N., & Gasparin, V. G. (2021). 1 MODELO DE ENSINO INSTRUÇÃO DIRETA (MID): principais características e contribuições. *EDUCAÇÃO FÍSICA E MODELOS DE ENSINO DOS ESPORTES: conceitos, características e aplicações*, 10-17.
- Crum, B. J. (1993). Conventional thought and practice in physical education: Problems of teaching and implications for change. *Quest*, 45(3), 339-356.
- de Carvalho, L. M. D. (1994). Avaliação das aprendizagens em Educação Física. *Boletim Sociedade portuguesa de educação física*(10-11), 135-151.

- Derri, V., Papamitrou, E., Vernadakis, N., Koufou, N., & Zetou, E. (2014). Early professional development of physical education teachers: Effects on lesson planning. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 152, 778-783.
- Farias, G. O., Batista, P. M. F., Graça, A., & Do Nascimento, J. V. (2018). Cycles of professional trajectory in physical education teaching career. *Movimento*, 24(2), 441-454. doi:10.22456/1982-8918.75045
- Gomes, P. M. S., Ferreira, C. P. P., Pereira, A. L., & Batista, P. M. F. (2013). A identidade profissional do professor: um estudo de revisão sistemática. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 27, 247-267.
- Gomes, P. M. S., Queirós, P. M. L., & Batista, P. M. F. (2019). Aprender a ser professor em contexto de estágio: um estudo com recurso a timelines em entrevistas de natureza biográfica. *Revista Brasileira de Educação*, 24.
- Graça, A. (2014). Sobre as questões do quê ensinar e aprender em educação física. *Professor de Educação Física: Fundar e dignificar a profissão*, 93-117.
- Januário, C. (2017). O planeamento de jovens professores de Educação Física. *Educação Física escolar: referenciais para o ensino de qualidade. Belo Horizonte: Casa da Educação Física*, 109-118.
- Lopes, M. R. S., Millen, A. R., Parente, M. L. d. C., Araújo, J. G. E., Sousa, C. B. d., & Moura, D. L. (2017). A prática do planeamento educacional em professores de educação física: construindo uma cultura do planeamento. *Journal of Physical Education*, 27.
- Mesquita, I., Afonso, J., Coutinho, P., & Araújo, R. (2013). Modelo de abordagem progressiva ao jogo no ensino do voleibol: conceção, metodologia, estratégias pedagógicas e avaliação. *Jogos desportivos coletivos: Ensinar a jogar*, 73-122.
- Metzler, M. W. (2000). *Instructional models for physical education*: Boston, Allyn and Bacon.
- Nahas, M. V., Pires, M. C., de Araujo Waltrick, A. C., & de Bem, M. F. L. (1995). Educação para atividade física e saúde. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*, 1(1), 57-65.

- Pais, A. (2013). A unidade didática como instrumento e elemento integrador de desenvolvimento da competência leitora: crítica da razão didática. *Didática e práticas: a língua e a educação literária*, 66-86.
- Queirós, P. (2017). DA FORMAÇÃO À PROFISSÃO Reflexões acerca do «como» se pode ensinar a ser professor. 100.
- Quennerstedt, M. (2019). Physical education and the art of teaching: transformative learning and teaching in physical education and sports pedagogy. *Sport, Education and Society*, 24(6), 611-623. doi:10.1080/13573322.2019.1574731
- Quina, J. d. N. (2009). *A organização do processo de ensino em Educação Física* Instituto Politécnico de Bragança, Escola Superior de Educação.
- Ribeiro, V. T., Folle, A., Farias, G. O., & Nazario, P. F. (2015). Preocupações pedagógicas e competência profissional de estudantes de educação física em situação de estágio. *Revista da Educação Física/UEM*, 26, 59-68.
- Rink, J. (2014). *Teaching Physical Education for Learning* (7 ed.). New York NY: McGraw-Hill
- Rodrigues, A. J. (2014). Aptidão física na escola. *Problemáticas da educação física I*, 73-80.
- Rosado, A., & Mesquita, I. (2009). *Pedagogia do Desporto* Lisboa: FMH: Edições.
- Rosado, A., & Mesquita, I. (2011). Melhorar a aprendizagem otimizando a instrução. *Pedagogia do desporto*, 69, 69-130.
- Siedentop, D. (1991). *Developing Teaching Skills in Physical Education* (3 ed.): Mayfield Publishing Company.
- Siedentop, D. (1998). What is sport education and how does it work? *Journal of physical education, recreation & dance*, 69(4), 18-20.
- UNESCO. What is QPE? *Promoting Quality Physical Education Policy*, disponível em https://www.unesco.org/en/quality-physical-education?TSPD_101_R0=080713870fab20009d3725c1f1633d6e0f266e4425ef533a1dca3db1768bb734d914ec177641227608d3d1555c143000492e27161a20452f2bb9c54fe64f65271a773e306af66cebe848585f069ffe5504aa836e3acfcfb01acab9c24c7af4c7

Anexos

Anexo 1 Estrutura do Plano de aula

PLANO DE AULA	
Ano Letivo 2022/2023	
Turma: 8º B	
Professor: Emanuel Botelho	
Disciplina: Educação Física	Objetivos:
Aula nº de Data:	Objetivos específicos:
Horário:	Sumário:
Material:	
Nº de Alunos:	
Parte Inicial	
Critérios de êxito:	Tempo
Parte Fundamental	
Critérios de êxito:	Tempo
Parte Final	
Critérios de êxito:	

Anexo 2 Ficha de Trabalho - Valores Olímpicos



Tarefa 2 (conhecimentos): Os valores olímpicos - trabalho individual

Nome: _____ nº _____ Ano/turma _____

Classificação obtida: _____

Objetivo deste trabalho: compreender que os valores do Olimpismo podem ser aplicados no nosso dia-a-dia e que, por esse motivo, contribuem para um desenvolvimento harmonioso da humanidade.

Valores Olímpicos: **EXCELÊNCIA, AMIZADE e RESPEITO.**

EXCELÊNCIA

- Este valor significa "dar o seu melhor", no jogo ou na vida.
- A ideia principal não é a comparação com o outro, mas sobretudo, alcançar as metas pessoais com determinação e esforço.
- Não se trata apenas de vencer, mas também de participar, de progredir na direção dos objetivos pessoais, de lutar para ser e fazer o melhor no dia a dia.

AMIZADE

- Este valor refere-se à construção de um mundo melhor e mais pacífico através da solidariedade, do espírito de equipa, da alegria e do otimismo.
- Os atletas expressam este valor ao formarem elos fortes com os seus colegas de equipa e com os seus adversários.
- Através do valor da Amizade, o Olimpismo inspira as pessoas a vencer diferenças (de raça, de religião, de género...) e a conciliar amizades apesar dessas diferenças.

RESPEITO

- Este valor representa o princípio ético que deve inspirar todos aqueles que participam nos Jogos Olímpicos.
- Isso inclui respeito por si mesmo e pelo seu corpo, respeito pelo outro, pelas regras e pelo ambiente.
- O valor Respeito refere-se também ao jogo limpo que cada atleta deve praticar no desporto e à obrigação que cada atleta tem de se afastar de qualquer forma de dopagem.

Após o visionamento dos vídeos do comité olímpico "15 seconds of...", enviados para o grupo da turma no Whatsapp, responde às seguintes questões:

1. **Indica** o título do vídeo que mais gostaste e **justifica** a tua escolha (10% + 15%)

2. **Descreve** a situação e **identifica** o valor olímpico envolvido (10% + 15%)

3. **Identifica** uma situação/problema no teu dia-a-dia, na escola. (25%)

4. Numa resposta curta, **identifica** o valor olímpico que te pode ajudar a superar essa adversidade e **justifica** a tua resposta. Deves ter em consideração a informação facultada sobre os valores olímpicos, mas o texto deve ser da tua autoria. (10% + 15%)

Bom trabalho!

Catarina Cachapuz, Emanuel Botelho, Manuel Prata, Rita Pacheco e Rui Pedro Teixeira

Anexo 3 Cartaz Desporto Escolar

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS
AURÉLIA DE SOUSA

GRUPOS EQUIPA
2022/2023

Início dos treinos regulares: 01/10/2022
Mais informação junto do teu professor de Educação Física

**BASQUETEBOL**
ESCALÃO: JUVENIS/SUB-18 MASCULINO

**DESPORTO ADAPTADO**
ESCALÃO: VÁRIOS MISTO

**ESCALADA**
ESCALÃO: VÁRIOS MISTO

**GINÁSTICA URBANA (PARKOUR)**
ESCALÃO: VÁRIOS MISTO

**SURF**
ESCALÃO: VÁRIOS MISTO

**VOLEIBOL**
ESCALÃO: JUVENIS/SUB-18 FEMININO

**XADREZ**
ESCALÃO: VÁRIOS MISTO

**ANDEBOL**
ESCALÃO: INFANTIS B MISTO